



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO

PATRICIA ANDRADE LUIS

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO ORÉ ANACÃ NA
FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: NARRATIVAS
PLURAIS E PERCURSOS SINGULARES

FORTALEZA

2015

PATRICIA ANDRADE LUIS

**CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO ORÉ ANACÃ NA
FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: NARRATIVAS
PLURAIS E PERCURSOS SINGULARES**

**Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado
ao Curso de Educação Física do Instituto de
Educação Física e Esportes da Universidade
Federal do Ceará.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Passos
Zylberberg.**

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

-
- L978c Luis, Patrícia Andrade.
Contribuições do projeto de extensão Oré Anacã na formação de profissionais de Educação Física: narrativas plurais e percursos singulares. / Patrícia Andrade Luis. – 2015.
94 f.; il. color.
- Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2014.
Orientação: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg
1. Dança – Estudo e ensino. 2. Professores - formação. 3. Cultura popular - Brasil. I. Título.

PATRICIA ANDRADE LUIS

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO ORÉ ANACÃ NA FORMAÇÃO
DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: NARRATIVAS PLURAIS E
PERCURSOS SINGULARES

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Aprovada em 01/07/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Tatiana Passos Zylberberg (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (IEFES/UFC)

Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos
Universidade Federal do Ceará (IEFES/UFC)

Prof^ª. Ms. Marcela de Castro Ferracioli
Universidade Federal do Ceará (IEFES/UFC)

Aos meus pais Ionete e Dijacir.
Ao meu irmão Patrick.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me dar forças suficientes para eu persistir neste caminho.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Tatiana Passos Zylberberg, que mudou minha visão sobre o curso, minhas possibilidades de atuação dentro da Educação Física. Sua doçura e amor pelo ensino forma o aluno para a vida.

Ao Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos por sua contribuição na minha vida: a dança popular e por dividir o seu amor pela cultura com todos nós.

À Prof^a. Ms. Marcela de Castro Ferracioli por aceitar em participar da minha banca examinadora.

Aos meus Pais Ionete e Dijacir, ao meu irmão Patrick por fazerem parte da minha vida e por ajudar na formação da pessoa que sou hoje.

Ao Junior Marinho, por me apoiar em todas as minhas decisões e sempre acreditar que eu poderia ir além.

Aos meus amigos Márjorie Lopes, Paulo André e Felipe Souza pelas palavras carinhosas e pela força.

Ao grupo Oré Anacã, que fez de mim uma pessoa melhor, apaixonada pela cultura popular e que me proporcionou amigos para a vida toda.

Aos integrantes e ex-integrantes do grupo Allana Freitas, André Cyrino, Andréia Rocha, Beatriz Leão, Emanuel Cavalcante, Fabrício Leomar, Felipe Souza, Gardênia Brito, Heitor Fernandes, Igor Gonçalves, Klertianny Teixeira, Laila Frota, Lara Melo, Mariana Freitas, Patrick Anderson e Tailan Ewerk por confiarem em mim e contribuírem com seus percursos singulares neste trabalho.

RESUMO

O ensino, a pesquisa e a extensão são os três pilares universitários no ensino superior. A integração destes pilares na formação acadêmica dos alunos pode ampliar a qualificação profissional, a visão de mundo e as possibilidades de intervenção na sociedade. É função da extensão inserir o aluno em vivências que não são promovidas no ensino e na pesquisa, mas que estão vinculadas a ela. O aluno aplica na extensão o conhecimento adquirido na teoria. A extensão também tem como objetivo inserir a sociedade no âmbito universitário, promovendo projetos que atendam às demandas dos problemas sociais. Esse trabalho é uma pesquisa de cunho qualitativo por intermédio de entrevistas abertas com graduados do curso de Educação Física. Baseado no método de pesquisa de histórias de vida em formação busca identificar as contribuições do projeto de extensão Oré Anacã – Grupo de Dança Popular da UFC, na formação dos profissionais de Educação Física da Universidade Federal do Ceará que participaram do grupo de 2011 a 2015. Para análise das entrevistas utilizamos a abordagem fenomenológica e ressaltamos que produzimos um documentário com os discursos singulares. O grupo Oré Anacã proporciona aos estudantes de Educação Física que foram entrevistados a oportunidade de conhecer a cultura popular brasileira por intermédio da formação artística nas danças tradicionais, também promove experimentações acerca da construção dos figurinos, das maquiagens, das concepções coreografias, da prática da sociabilidade, de ensino de danças dos integrantes para os integrantes e de pesquisas sobre cultura popular que influenciam positivamente na formação de um profissional multidisciplinar com pensamento e ação crítico-reflexiva.

Palavras-chaves: Extensão, Formação Profissional, Dança Popular, Educação Física.

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 – Integrantes do grupo Oré anacã divididos por ano de participação40

Tabela 2 – Integrantes contemplados com bolsas durante sua participação no grupo41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção de figurinos	31
Figura 2 – Construção da maquiagem indígena	31
Figura 3 – Itens indígenas	31
Figura 4 – Coreografia: Porta-Estandarte	32
Figura 5 – Coreografia: Carimbó	33
Figura 6 – Coreografia: Lundun	33
Figura 7 – Coreografia: Frevo	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1. Formação universitária: ensino, pesquisa e extensão	12
2.2. A Extensão Universitária	15
2.3. Formação universitária: ensino, pesquisa e extensão	23
2.4. Oré Anacã: história e desdobramentos	28
2.5. Relato pessoal do percurso formativo no Oré Anacã	35
3. PERCURSO METODOLÓGICO	38
3.1. Descrição dos discursos dos sujeitos	45
3.2. Redução das descrições:.....	66
3.3. Resultados	80
4. CONCLUSÃO.....	89
5. REFERÊNCIAS	91
6. ANEXOS	94

1. INTRODUÇÃO

A universidade é espaço público de ampla e contínua formação de alunos. Durante o período de inserção no ensino superior, os alunos possuem diversas possibilidades de serem atores de suas formações. Segundo Nóvoa (1992, p.13), “estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”. O processo de formação está dependente de percursos educativos, mas não se deixa controlar pela pedagogia. A formação está em constante criação, construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento que se encontra na essência da identidade pessoal (DOMINICÉ, 1986 apud NÓVOA, 1992).

O ensino, a pesquisa e a extensão trabalham em conjunto para garantir uma formação adequada aos futuros profissionais. Formação esta crítica-reflexiva, com experiências de aplicabilidade na prática e integração da universidade com a sociedade.

Esse trabalho discute principalmente a relação da extensão na formação superior de estudantes, mais precisamente como o Grupo Oré Anacã contribui na formação dos alunos e egressos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará na sua prática profissional, sendo organizado da seguinte forma: primeiramente, apresenta um cuidadoso relato da história da extensão, desde os primeiros registros da sua aplicação e de onde se originou até chegar ao Brasil com o relato de projetos que venceram o tempo e continuam existindo até hoje.

Esse trabalho de cunho qualitativo, busca por intermédio de entrevistas abertas com graduandos e graduados do curso de Educação Física, baseado no método de pesquisa de histórias de vida em formação, identificar as contribuições do projeto de extensão Oré Anacã – Grupo de Dança Popular da UFC na formação dos profissionais de Educação Física da Universidade Federal do Ceará que participaram do grupo do ano de 2011 ao primeiro semestre de 2015. Para análise das entrevistas utilizamos a abordagem fenomenológica, desvelando dos discursos dos 16 sujeitos entrevistados, a composição de 12 categorias de análise.

Portanto, o **objetivo geral** desta pesquisa é defender a relevância da extensão na formação de profissionais de Educação Física.

Como **objetivos específicos**, definimos:

- Analisar a importância da extensão no meu percurso formativo no curso de Educação Física a partir das experiências vividas no projeto Oré Anacã.
- Identificar as contribuições do projeto de extensão Oré Anacã – Grupo de Dança Popular da UFC na formação dos profissionais de Educação Física da Universidade Federal do Ceará que participaram do grupo no ano de 2011 ao primeiro semestre de 2015.

Esta pesquisa investigou as contribuições de um projeto de extensão de Dança Popular do IEFES/UFC, o Oré Anacã, e estes foram transformados em documentário em vídeo (disponível no link: <http://www.conecteecie.ufc.br/p/audiovisual.html>) trazendo percursos singulares e narrativas plurais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Formação universitária: ensino, pesquisa e extensão.

Ensino, pesquisa e extensão são os três pilares que fundamentam a formação profissional na universidade. Neste primeiro capítulo discutiremos a indissociabilidade destes pilares, apontando a importância da participação nas ações de extensão no percurso formativo de professores de Educação Física.

Fagundes (1985) relata que o ensino é a função mais tradicional dentro da universidade tendo como fundamento a transmissão de conhecimentos, oscilando entre a formação cultural e formação profissional, privilegiando a socialização do indivíduo, tornando-se um meio para sua ascensão social. Com o decorrer do tempo, pressionada pelas demandas da sociedade, a universidade inseriu em sua estrutura a função da pesquisa buscando a produção de conhecimento, de um pensamento crítico.

Segundo Abu-El-Haj, Letinho e Coutinho (2012), a pesquisa ainda é vista por muitos como atividade específica do pesquisador na sua concepção mais formal, ou seja, aquela pessoa que, tendo galgado os patamares da formação acadêmica, particularmente o doutorado, adquire o direito natural de praticá-la. Porém, de acordo com Paulo Freire (2001 apud Abu-El-Haj, Letinho e Coutinho 2012), a produção deve ser entendida como algo presente na atividade de leitura, de escrita, no olhar reflexivo do aluno sobre sua realidade. O “simples” exercício do pensamento, transpondo o imediatismo do senso comum, exige que levemos o aluno a compreender a relação entre teoria (o conhecimento elaborado) e prática (a realidade que se posta à nossa frente e da qual participamos como sujeito). Isso tudo não é mais do que trabalhar na perspectiva da pesquisa.

Através das nossas percepções, resultado contínuo de um diálogo com nossas vivências e experiências, nós construímos o nosso conhecimento sobre a realidade, tendo uma compreensão de que a formação na pesquisa, na graduação, não se pode restringir a uma abordagem técnico-científica de modo investigativo, pois a pesquisa consiste na

possibilidade de aprimorar esse diálogo em prol de um olhar mais atento sobre a realidade. Essa é a premissa que justifica a relação da pesquisa no ensino ou o ensino na pesquisa (ABU-ET-HAJ, LEITNHO e COUTINHO, 2012).

Abu-El-Haj, Leitinho e Coutinho (2012) reforçam que a experiência do ensino com pesquisa na graduação leva a um conjunto de dificuldades comuns ao aluno universitário, refletindo uma compreensão limitada do que seja o conhecimento, historicamente sistematizado, e que a ele não compete indagar, questionar, ou problematizar, mas sim memorizar. É preciso conduzir o aluno a observar o cotidiano levando-o a articular a relação que existe entre o senso comum (suas vivências e inquietações) e o discurso da ciência, de forma a ampliar, no aluno, o conhecimento com amparo em prismas e perspectivas diferenciadas, tornando-o um interlocutor da realidade social.

Como o ensino e a pesquisa não atendiam à necessidade de conceber um contato mais efetivo com o grande público tornou-se imprescindível buscar outra modalidade capaz de tirá-la do circuito fechado, pensando assim na extensão, cuja função seria a de realizar o que as duas outras não conseguem fazer por si mesmas, devido à falta de contato com os problemas dos diferentes segmentos da sociedade (FAGUNDES, 1985).

Fagundes (1985) relata que o berço da extensão foi nas universidades inglesas onde foi inserido a partir de pressões e reivindicações da população marginalizada no processo de educação e fruição dos benefícios da cultura. No Brasil, as primeiras experiências extensionistas aconteceram mais por um ato de vontade ou “idealismo” de segmentos da comunidade acadêmica ou a partir dos interesses e necessidades da população ao qual se destinavam.

Fagundes (1985) concorda que as atividades de extensão, embora propusessem levar os benefícios da universidade até aqueles que não tinham acesso, primaram pela sua desvinculação das necessidades objetivas da população a ser atingida, sendo feita em nome das classes subalternas, mas em benefícios das classes dominantes.

Ao longo do período da história da extensão brasileira é inegável perceber que durante muito tempo ela não teve o espaço necessário para atuação, e o espaço que tinha era voltado para uma parcela da população que detinha determinados conhecimentos, tornando o conceito de ser uma área voltada para a população marginalizada totalmente descartável. Porém ao longo do século XX é possível constatar que a extensão passou a ser percebida como mediadora da universidade com o povo, buscando trazer essa população carente e os universitários para um aprendizado mútuo dentro dos projetos.

Segundo Severino (2007 apud Abu-El-Haj, Leitinho e Coutinho, 2012):

Na universidade, o conhecimento deve ser construído pela experiência ativa do estudante e não mais ser assimilado passivamente, como ocorre o mais das vezes nos ambientes didático-pedagógicos do ensino básico (p. 25).

O percurso formativo de professores pode ser potencializado pela participação ativa em projetos de extensão. Diversificadas experiências que extrapolam os processos didático-pedagógicos do ensino e da pesquisa.

No capítulo seguinte aprofundaremos o histórico da Extensão Universitária, relatando sua evolução e importância no contexto histórico brasileiro. Posteriormente, apresentaremos o projeto de extensão Oré Anacã fundado pelo Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos em março de 2011 no Instituto de Educação Física e Esporte (IEFES) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

2.2. A Extensão universitária.

Antes de apresentar os propósitos da Extensão Universitária, também veremos neste capítulo o histórico sobre a extensão na universidade, discutindo alguns aspectos de sua relevância na formação profissional.

Conforme esclarece Almeida (1991), as atividades de extensão originam-se nas universidades inglesas ligadas ao movimento de “educação continuada”, com o objetivo de descaracterizar esse tipo de educação como sendo destinado apenas às classes desfavorecidas. A concepção de educação continuada defende que a educação não termina na infância, mas deve continuar por toda a vida, como esclarece Paiva (1973):

Com base em tal concepção surgiu a Extensão Universitária, caracterizando-se como um conjunto de atividades de iniciativa da Universidade como instituição, com o objetivo de difundir a cultura e de oferecer oportunidades, de educação continuada, a uma grande parcela da população (dessa população adulta que não se encontra na universidade, mas que pode ser atendida por uma programação elaborada para ela no meio universitário), buscando atender as necessidades específicas de determinados setores através da administração de cursos breves e outras atividades (PAIVA, 1973, p. 1).

Em 1870 e 1920 registraram-se na Europa várias manifestações de protestos de trabalhadores, associando a identificação da Extensão à concepção de Universidade como instituição responsável por amenizar crises sociais (HUNGER, 1998).

Devido à intensa influência de outras universidades e de novas tendências, surgiram na América do Norte, dois tipos de extensão: a cooperativa e a universitária. A cooperativa surgiu da necessidade de desenvolver uma ação conjunta de educação nas áreas de produção agrícola, economia doméstica, dentre outras. E a universitária surgiu com um grupo de professores que estavam interessados em desenvolver programas de educação para adultos (ALMEIDA, 1991).

Através da ampliação e sistematização dessas atividades variadas, surgem os multicampi, responsáveis pelo processo de “regionalização” da extensão universitária, por se localizarem fora da sede central e uma aproximação com a comunidade regional

e o desenvolvimento de atividades específicas que atendessem as necessidades locais (ALMEIDA, 1991).

A Extensão universitária foi introduzida na América Latina através das universidades Argentinas e uruguaias. A extensão universitária latino-americana está vinculada às atividades dirigidas à difusão cultural e à ampliação de oportunidades de educação continuada, assim como organizar programas de educação básica das massas e atividades assistenciais (PAIVA, 1973).

Há certa divergência sobre o início da Extensão Universitária no Brasil. Para Almeida (1991), as primeiras experiências surgiram sob a inspiração do modelo norte-americano na década de 1920 com a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa em Minas Gerais. De acordo com Hunger (1998), as primeiras experiências de Extensão no Brasil ocorreram na Universidade Livre de São Paulo, caracterizadas por atividades variadas e sem sistematização acadêmica como cursos e palestras, destinados à população em geral. E Paiva (1973) relata que a extensão é recente, datando da década de 1960, sendo entidades estudantis junto com a ajuda de professores, os responsáveis pela a organização de alguns programas de educação de adultos.

Para Fagundes (1985), a Universidade “Passageira” de São Paulo (1911-1917) foi a primeira instituição que desenvolveu projetos de extensão através de conferências semanais gratuitas, objetivando o contato dos intelectuais com a população. Porém, pelos assuntos abordados nessas reuniões, podia-se perceber que esses intelectuais visavam um grupo seleta, não as classes populares como pretendia a universidade. Fagundes observa que, apesar da extensão ter sido sempre importante ao movimento estudantil, ao mesmo tempo em que o movimento pretendia colocar-se sob a influência revolucionária das classes trabalhadoras, acabava por revelar uma visão semelhante àquela que as elites mantinham sobre as classes inferiores e sobre o papel da universidade que era a função de transmitir conhecimento ao “povo ignorante” conscientizando-os e prestando serviços aos necessitados.

De acordo com Hunger (1998, p.26), “as atividades de Extensão, mormente no período que antecedeu ao golpe militar de 64, eram desenvolvidas por iniciativas de estudantes e professores universitários, que contavam ainda, muitas vezes, com a colaboração de outras instituições oficiais ou assistenciais, como Igrejas Católicas e Sindicatos”.

Entre 1960 e 1964, o movimento estudantil era engajado nas campanhas de alfabetização de adultos e cultura popular, tinha também participação ativa nos Centros Populares de Cultura (CPCs) e nos Movimentos de Cultura Popular (MCPs). Apesar da amplitude desses movimentos e da participação ativa de professores e alunos, a extensão não envolveu a universidade como instituição. Porém trouxe à tona a discussão do caráter elitista das universidades brasileiras, para lembrar os seus compromissos para com aqueles segmentos da sociedade que não se beneficiavam diretamente (FAGUNDES, 1985).

Um exemplo dessas atividades foi o serviço da extensão cultural (SEC) que foi criado em 1962 e foi um típico projeto de extensão. Com ajuda do SEC, Paulo Freire sistematizou seu método de educação para adultos e organizou, para a população pernambucana, várias atividades culturais, porém o programa não conseguiu sobreviver ao golpe de 64. Apenas depois da metade de 1960 que há um interesse na extensão universitária no Brasil, sendo sua principal preocupação de caráter político-pedagógico (PAIVA, 1973).

Após esse período de turbulência e precariedade no desenvolvimento da extensão universitária, precisamente em 1968, as atividades de extensão (ALMEIDA, 1991) foram institucionalizadas através da nova legislação da lei 5.540/68, da reforma universitária com os artigos 20 e 40 dando-lhe uma nova roupagem.

Com essa mudança, a extensão além de modificar suas atividades, também redefine seus objetivos e seus vínculos institucionais. A iniciativa da promoção de atividades parte agora de novos dirigentes como o MEC, buscando a concepção de prestação de serviços e de filantropia em suas variadas nuances (ALMEIDA, 1991).

Em 1975, foi criado pelo MEC, o Programa de Extensão Universitária para ser executado pelo Departamento de Assuntos Universitários (DAU), tendo como objetivo geral “coordenar, a nível nacional, as experiências de extensão em andamento nas instituições”, concebendo a extensão como força de atendimento da universidade para outras instituições e a população em geral, recebendo em troca a retroalimentação para o ensaio e a pesquisa. Em 1996, o MEC criou uma coletânea de documentos sobre a extensão universitária, onde apresenta a extensão como uma das funções básicas e sem qual não se existiria uma verdadeira universidade.

Fica clara a insistência dessas diretrizes no esforço de manter um compromisso social com a sociedade e fazer com que todos se beneficiem, principalmente os segmentos que não se beneficiam da universidade. Abaixo segue a descrição de alguns projetos que resistiram ao tempo e tinham como objetivo a prestação de serviços para a população desfavorecida.

Um desses projetos foi o CRUTAC (Centros Rurais Universitários de Entretenimento e Ação Comunitária), um projeto reconhecido nacionalmente, foi criado em 1966 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e tinha como objetivo dar atenção hospitalar e sanitária para a população geral, ampliando essa assistência na área da saúde para alguns municípios do interior do Estado (PAIVA, 1973).

Fagundes (1985) relata que as atividades do CRUTAC envolviam diversos cursos como: medicina, odontologia, farmácia, educação, engenharia, direito, serviço social, etc., colocando em prática o treinamento rural universitário e a prestação de serviços às comunidades da área de treinamento.

A necessidade de complementar e adequar à formação do profissional dos estudantes e de atender às comunidades rurais em situação de abandono e pobreza foram os motivos da criação do CRUTAC. Essa situação não ocorre apenas por fatores naturais, mas por fatores também humanos, como a falta de preparo técnico, as epidemias, a fome, a apatia, etc.; fazendo com que Paiva (1973) observasse que o CRUTAC busca disseminar, entre os estudantes, que a pobreza e as dificuldades na área rural não são

consequências da estrutura econômico-social, mas sim da falta de preparo e conhecimento técnicos da população rural e da apatia do homem do campo.

Outro projeto conhecido nacionalmente é o projeto RONDON que se originou da ideia de levar a juventude universitária para conhecer a realidade brasileira e participar do processo de desenvolvimento. Porém, tornou-se oficial a instituição do projeto apenas em 1968, dois anos depois de sua origem. A inserção do jovem na sociedade traz uma preocupação ainda maior do projeto de conscientizar o universitário para a mudança de mentalidade para inseri-lo na perspectiva governamental, refletindo futuramente na instituição universitária, na sua participação mais efetiva (FAGUNDES, 1985).

Em 2001, foi atualizado o Plano Nacional da Extensão Universitária, reforçando que a extensão universitária é uma atividade capaz de dar um novo rumo para a universidade brasileira contribuindo para uma mudança na sociedade através de seus objetivos como: reafirmar a extensão universitária como um processo acadêmico, realizado a partir das demandas da realidade e que é imprescindível na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade; manter uma relação produtiva e bidirecional entre a universidade e a sociedade; [...] permitir a ampliação do acesso ao saber e desenvolvimento tecnológico e social do país através de novos meios, com inovação e troca de conhecimentos.

Ao longo do percurso da extensão no mundo e no Brasil, é possível perceber a luta interna na universidade pelos reais objetivos de sua implantação. A extensão nasceu pela necessidade de se consolidar o vínculo da universidade com a sociedade. Apesar de alguns rumos tortuosos, a extensão vem cumprindo com a assistência às essas classes menos privilegiadas com a prestação de serviços e no auxílio de necessidades básicas.

A extensão, apesar de diversas reformulações e contradições na sua aplicação durante o processo histórico, sempre teve a:

“Função de integrar a universidade à sociedade de maneira a retirar elementos informativos que sirvam à renovação do sistema universitário, na busca por elevar os padrões culturais do meio” (GAELSER, 1988 apud GALDI ET AL, 2004, p. 368).

Hunger (1998, p. 83) explica essa relação através do estabelecimento da identidade da universidade na sua relação com a sociedade, primeiramente apontando como se articulam as ideias do pensar Extensão Universitária. Ele também afirma que essas ideias resultantes da ação coletiva definem a Instituição como uma rede de interdependência entre professores, pesquisadores, alunos, funcionários, pais, políticos, etc. Que elaboram pensamentos de acordo com os interesses característicos de suas posições, como indivíduos que se encontram numa situação herdada dos modos de pensamentos, procurando mantê-los, aperfeiçoá-los ou substituí-los por outros, de acordo com as suas concepções.

Galdi et al (2004, p. 15) relacionam a extensão com os outros pilares da universidade, focando o seu relacionamento com a pesquisa:

A Extensão Universitária é, queiramos ou não, fase final de desenvolvimento científico e de formação profissional que diz respeito à transferência tecnológica para melhorar o bem-estar das pessoas e conquistar a concretude de sua cidadania. Atualmente, já se torna inegável que, ao cumprir esse perfil, a Extensão envolve-se de modo sólido tanto com a concepção quanto com a execução e aplicação da pesquisa. Vale dizer, pensá-la e exercê-la de maneira significativa não se esgota em incluir e transcender convênios, campeonatos e financiamentos, mas se dá na apreensão de tais manifestações como elementos de formulação e implementação de ação social fundamentada, aí radicando seu ofício.

Além dessa relação em que a sociedade se beneficia das atividades de extensão, uma das suas singularidades na formação inicial é permitir a realização do aprendizado através da aplicação (NOZAKI, 2012), introduzindo o aluno no contexto da realidade em que ele vive. Portanto, segundo Nozaki (2012, p. 89): “Se aprender significa fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, pensamos que a extensão universitária pode contribuir qualitativamente neste processo de formação inicial dos alunos, construindo diversos significados”.

Silva e Speller (1999) dividem as perspectivas da extensão em tradicional ou funcionalista, processual e crítica, trazendo concepções que vão além da extensão, mas que trazem concepções da universidade em si. Na concepção tradicional (ou funcionalista), a universidade desempenha um papel de responsabilidades das políticas

educacionais, sendo apenas um complemento de estado. A dissociabilidade do ensino e pesquisa com a extensão é considerada normal, tornando a entender que a extensão tem função específica e independente. Ela se baseia no atendimento das necessidades imediatas da população, representando o desenvolvimento de um grande vínculo com a sociedade numa perspectiva assistencialista, porém, na prática se reduz às ações sem regularidade, eventuais e secundárias.

A concepção processual é a que vigora na maioria das instituições federais do ensino superior, pois ela vai contra a concepção tradicional, buscando a indissociabilidade com o ensino e a pesquisa e deixando de lado a visão de terceira função desvalorizada, sendo a mediação entre a universidade e as demandas sociais. Ela passa a ter uma tarefa institucional de promover o compromisso social da universidade, adquirindo um espaço físico na estrutura da universidade sob a forma de pró-reitoria, coordenação, etc.

Existe uma nova releitura da extensão na concepção crítica, nela a extensão está particularmente ligada ao ensino e a extensão, efetivando-se apenas por meio dessas funções, ou seja, por não ter vida própria, nem autonomia, não há justificativa para sua institucionalização. Por isso, diz-se que "a extensão é duas, não é três. Do raciocínio nós eliminamos a extensão. Ela se transforma em ensino e pesquisa" (AZAMBUJA, 1997, p. 43 apud SILVA E SPELLER, 1999). Torna-se um conceito desnecessário, porém, supor que o ensino e a pesquisa sejam comprometidos com a realidade, que o conhecimento produzido e transmitido seja inserido e contextualizado nesta realidade.

Quanto à relevância dos projetos de extensão na formação acadêmica dos alunos de Educação Física, vale destacar o quanto pode estimular suas potencialidades e ajudar a se familiarizar com as diversas áreas de atuação do curso, como ainda, auxiliar a apropriação do que aprendeu na teoria aplicando na prática. No estudo realizado por Souza (2003 apud NOSAKI, 2012) é perceptível essa relevância, pois ao verificar em uma de suas perguntas o significado das experiências obtidas nos projetos de extensão durante a formação universitária, os professores atuantes ressaltaram que essas experiências/vivências foram as mais importantes durante a graduação; sobre o estudo das vivências e ou experiências, os participantes do estudo foram questionados sobre quais seriam as mais importantes para a atuação profissional, adquiridas durante a

graduação, sendo assinalados os projetos de extensão em primeiro plano, se apresentando como locais para síntese e integração dos conhecimentos aprendidos.

Nosaki (2012) ressalta a importância dos professores da Universidade ou professores coordenadores em informar sobre os projetos e em acompanhar os graduandos nos projetos de extensão universitária, sendo incentivados em ações que possam proporcionar ao futuro profissional segurança, experiência, competência e habilidade profissional.

A pesquisa de Anjos e Ramos (2004 apud NOSAKI, 2012) também relata essa relevância, quando a extensão busca fornecer subsídios apropriados para a atuação na realidade. O exemplo investigado pelos autores foi o projeto de “Ginástica Localizada” na FEF-UNICAMP no qual os alunos discutem sobre os conhecimentos necessários, aprendem a elaborar e ministrar aulas (sendo acompanhado por uma coordenadora discente da universidade). Através dessas práticas os alunos são estimulados a serem profissionais críticos, reflexivos, buscando diversos temas da sua área, passando por ações que os estimulem a pensar sobre a sua prática e que tenham autonomia para buscar novos conhecimentos.

O estudo de Silva e Speller (1999) propõe uma reflexão sobre o entendimento da extensão e considera imprescindível, recebendo a mesma importância que é atribuída às demais funções, destacando que os docentes da universidade investigada, acham totalmente viável a integração com o ensino e a pesquisa. Sobre a conceituação de extensão, predominou a concepção processual, depois a crítica e por última a tradicional. E concluindo, os indagados na pesquisa informam que acreditam que a universidade tem potencial para atuar como "*centro de conhecimento para ajudar a sociedade a resolver seus inúmeros problemas*".

Os estudos foram abordados para contextualizar e fundamentar a importância da extensão no processo formativo dos alunos, aumentando as suas possibilidades de vivenciar atividades que estão além das disciplinas obrigatórias dos cursos. O próximo capítulo fala sobre a extensão dentro da Universidade Federal do Ceará (UFC) e dos projetos em atividade no curso de Educação Física da UFC.

2.3 A Extensão na Universidade Federal do Ceará.

A Universidade Federal do Ceará proporciona bolsas, atividades voluntárias ou remuneradas vinculadas à instituição, aos seus alunos, para que eles tenham a oportunidade de continuarem na universidade após suas atividades curriculares. Existem diversas bolsas na universidade, que podem ser concorridas de acordo com o curso do estudante e sua preferência de atuação. Entre elas estão: bolsa da Agência Nacional de Petróleo, bolsa de administração, bolsa da Casa de José de Alencar, bolsa de cultura e arte, bolsa de extensão, bolsa de estudantes alemães, bolsa de estudos promissões, bolsa de informática, bolsa de iniciação acadêmica, bolsa de iniciação científica, bolsa de iniciação ao desporto, bolsa de monitoria de aprendizagem cooperativa, bolsa de monitoria de iniciação à docência e bolsa de monitoria de projetos de graduação.

Nos projetos de extensão podem ser ofertadas bolsas de extensão, de iniciação acadêmica e bolsas de cultura e arte, dependendo do objetivo do projeto (artístico ou não). Dependendo do coordenador do projeto outras bolsas podem ser vinculadas, quando necessária à relação desses projetos com laboratórios, pesquisas ou o pleito de editais.

O curso de Educação Física é um dos cursos da Universidade Federal do Ceará que possuem diversos projetos ativos que atendem os alunos e as comunidades. O curso foi criado em 1992 como Licenciatura Plena e foi acolhido pela Faculdade de Educação (FACED) onde foi sediado até 2009. O Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) foi criado em 17/12/2009 no campus do PICI, como um instituto múltiplo de ensino, pesquisa e extensão, pois a FACED não possuía a estrutura necessária para atender as necessidades estruturais do curso. Ao redor do Instituto existem muitas comunidades carentes, com isso o curso proporciona diversos projetos de extensão que possibilitam a população ter vivências em esportes, ludicidade, dança e atividades que favorecem a qualidade de vida (IEFES, 2015).

Os projetos de extensão que estavam em funcionamento no IEFES em 2015 foram:

ARTE DE NASCER (HIDROGESTANTES): O projeto de extensão Arte de Nascer tem como prioridade a prevenção de algumas doenças relacionadas ao período gestacional, como também a satisfação de poder amenizar algumas queixas comumente

relatadas por gestantes. Trata-se da inclusão da atividade física, (hidroginástica) como mais um benefício a ser acrescentado no pré-natal como um meio de melhorar a qualidade de vida da gestante durante todo o período gestacional e conseqüentemente levá-la a ter um parto normal.

ATIVIDADE FÍSICA E QUALIDADE DE VIDA: Projeto de extensão desenvolvido no LAFAES (Laboratório de Treinamento de Força Aplicada ao Esporte e à Saúde) e destina vagas a estudantes universitários da UFC para a realização de atividades de musculação com foco na saúde e qualidade de vida.

ATLETISMO E NATAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: O projeto do LAMAPA (Laboratório de Atividade Motora Adaptada e Percepção-Ação) que promove o processo ensino-aprendizagem, treinamento das modalidades desportivas atletismo e natação para pessoas com deficiência, o preparo para competições regionais, estaduais e nacionais nessas modalidades e a capacitação de alunos de graduação em educação física para o desporto paraolímpico.

BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS: É projeto do LAMAPA que tem como objetivo promover o desporto paraolímpico, especificamente o basquete em cadeira de rodas feminino.

BASQUETE SOLIDÁRIO: Projeto de extensão que pretende oferecer às crianças e adolescentes, economicamente carentes e com necessidades especiais, vivências que os levam ao exercício da cidadania, a realização pessoal e a integração a sociedade, através de atividades de educação, cultura e esporte, a fim de ocupar o tempo livre, diminuir o risco de contato com a marginalidade.

Centro de Estudo sobre Ludicidade e Lazer (CELULA): Destina-se ao fortalecimento do vínculo entre teoria e prática pedagógica e o conhecimento da realidade brasileira na área da cultura lúdica e o brincar. Este programa estrutura estudos, pesquisas e ações sociais sobre a importância do jogo, do brinquedo, da brincadeira, da cultura lúdica e do lazer.

COMPANHIA DE DANÇA DO IEFES: o projeto visa desenvolver a dança numa perspectiva artística e pedagógica, tendo como inspirações o jazz, o ballet e dança

contemporânea. O projeto de extensão busca propiciar oportunidades de vivências coreográficas e gestuais, funcionando como um laboratório teórico-prático, onde todos os integrantes farão parte da concepção de ideias e criações.

EDUCADANCE: busca realizar oficinas de danças diversas para a comunidade interna e externa da UFC.

ENTRE PENAS E CONTAS: Este programa de extensão busca incentivar e promover as culturas negra e indígena, alicerçando seu trabalho na dança popular brasileira e atuando em três linhas: curso de capacitação de 60 professores da rede pública e privada de Fortaleza e artistas das diversas áreas; oficinas de danças brasileiras de ascendência negra e indígena para 180 integrantes de escolas públicas, comunidades quilombolas e indígenas e/ou projetos que lidam com questões raciais; e um espetáculo que será apresentado nessas escolas e comunidades, tematizando danças representativas da cultura afro e indígena.

ESPORTE EDUCACIONAL E QUALIDADE DE VIDA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: Este programa de extensão pretende dar uma concepção mais atual da participação de jovens no contexto esportivo, onde as atividades físicas e esportivas são um meio e não um fim em si mesmas. Uma ferramenta capaz de dar, aos participantes, as mesmas possibilidades de construção de uma cidadania e criar hábitos salutareos de bem viver.

ESPORTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO: TRABALHANDO AS DIMENSÕES SOCIOPSICOLÓGICAS DO ESPORTE: propõe-se a desenvolver ações de Educação Física junto a projetos sociais atrelados ao Esporte. Têm-se como objetivos: fortalecer ações de desenvolvimento social através do esporte; promover a inclusão de alunos de Educação Física em ações desenvolvidas junto a projetos sociais atrelados ao esporte; e sistematizar reflexões sobre o papel da Educação Física em tais projetos.

GRUPO GYMNARTEIROS: visa, por meio de vivências gímnicas, contribuir para a formação inicial e continuada de acadêmicos e profissionais de Educação Física e áreas afins, ampliando seus conhecimentos acerca dessa manifestação em diversos contextos de sua atuação profissional.

GRUPO DE MÚSICA DO ORÉ ANACÃ: banda musical que realiza a construção de arranjos para músicas populares trabalhadas coreograficamente pelo grupo de dança Oré Anacã.

INICIAÇÃO AO JUDÔ: o projeto do LAMAPA tem por finalidade promover o aprendizado e o treinamento do Judô para pessoas com e sem deficiência em um ambiente inclusivo, tendo como base os estudos de aspectos motores e psicomotores típicos e atípicos, que venham a zelar pelo desenvolvimento integral dos participantes.

JUVENTUDE E INTERNET: CONECTE E CRIE EDUCAÇÃO FÍSICA: O projeto de extensão JUVENTUDE E INTERNET, faz parte das ações do Laboratório de Estudos das Possibilidades de Ser (LEPSE) do IEFES-UFC. O projeto tem o desafio coletivo de conceber um web site educativo, reflexivo e criativo, no qual os jovens são autores e produtores culturais, não apenas receptores ou espectadores, assim nasceu: CONECTE E CRIE EDUCAÇÃO FÍSICA.

LABORAL PARA OS FUNCIONÁRIOS DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO (RU) DA UFC: projeto de extensão que visa proporcionar aos funcionários dos Restaurantes Universitários da UFC uma atividade física lúdica e saudável, elevando a autoestima, a socialização do grupo, a melhoria da condição física e a prevenção de doenças.

LUTAS EM FOCO: Socialização e prevenção do sedentarismo dos alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da UFC. Com as práticas do muay thai e submission, o projeto objetiva proporcionar benefícios nos aspectos da coordenação e consciência corporal, conscientização das ações de cidadania, melhora na autoestima além de conhecer os preceitos filosóficos e práticos das lutas, para viver em harmonia consigo e com os outros.

A MUSCULAÇÃO NA PREPARAÇÃO FÍSICA DOS ALUNOS ATLETAS DA UFC: projeto de extensão que oferece o treinamento com pesos (musculação) como atividade de apoio a preparação física dos atletas universitários, visando à melhora no rendimento atlético, a prevenção e suporte na recuperação de lesões.

NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO SOMAESTÉTICA: o NISE - Núcleo de Integração Somaestética é um grupo de ensino, extensão e pesquisa vinculado ao Laboratório de Estudos das Possibilidades de Ser (LEPSER). O NISE estuda e concebe práticas somaestéticas integrativas que visam ao desenvolvimento do corpo vivo, senciente, dinâmico, perceptivo e intencional.

ORÉ ANACÃ - GRUPO DE DANÇA POPULAR DA UFC: o Grupo de Dança Popular Oré Anacã composto por graduandos de diversos cursos da UFC, vem construindo coreografias inspiradas nas danças tradicionais brasileiras, respeitando suas características históricas, estéticas e sociais.

PRO-MOVENDO SORRISOS: é um projeto do LAMAPA que tem como objetivos gerais promover a educação em saúde e mudança de atitudes através da instrução e prática de atividade física adaptada e ainda, realizar estudos sobre os impactos da atividade física no processo de inclusão de estudantes com autismo e síndrome de Asperger em salas de aula, nos espaços não formais e as possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento humano.

SAÚDE EM MOVIMENTO: este projeto de extensão tem como objetivo geral estimular e promover a prática da atividade física para a saúde de indivíduos na prevenção primária (indivíduos com fatores de riscos sem doença cardiovascular diagnosticada) e secundária (indivíduos com doença cardiovascular diagnosticada).

A SOCIALIZAÇÃO PELO FUTSAL NO IEFES: projeto de extensão que pretende criar horários para a prática do futsal com foco no lazer, para os alunos do curso de Educação Física da UFC e demais cursos, que não possuem disponibilidade de tempo ou local para essa prática fora da universidade.

UFCEODOKAR NO JANGURUSSÚ: o projeto UFCEODOKAR no bairro Jangurussu constitui-se, numa ferramenta importante para a formação de cidadãos na perspectiva de uma mudança social, na busca ainda, de conhecer e vivenciar os verdadeiros valores sociais. Através da prática saudável do karatê, palestras e passeios, os alunos participam de encontros e vivências, proporcionando um intercâmbio socio-esportivo-cultural.

2.4. Oré Anacã: história e desdobramentos.

Para a construção desse referencial foi realizada uma entrevista aberta (gravada) com o fundador e coordenador do grupo Oré Anacã, o Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos, docente do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará desde 2010. Um de seus objetivos ao ingressar na universidade era criar um projeto de extensão relacionado à dança popular, isso se efetivou em 2011 quando criou o referido grupo. O grupo é um desdobramento de nove anos de experiência em dança popular no grupo Sarandeiros da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) onde estudou e adquiriu um conhecimento sobre dança tradicional desde os anos 2000.

Após cadastrar o projeto, o professor Marcos Campos abriu uma chamada para estudantes universitários interessados em participar desta proposta de vivência de elementos de diversas danças de diferentes estados do Brasil, surgindo assim o Oré Anacã – Grupo de Dança Popular da UFC. O nome Oré Anacã é de origem tupi-guarani que significa “nossa dança”, nome que foi escolhido coletivamente.

A primeira manifestação trabalhada foi o Afoxé por ser muito rico em possibilidades de movimento e montagem coreográfica. A montagem completa do Afoxé foi priorizada, utilizando a maioria do primeiro semestre, porém sem deixar de lado a vivência em outras danças que seriam trabalhadas futuramente como o Coco, o Xote nordestino e a Araruna. A primeira apresentação do grupo ocorreu em 2011 no Baile “Mistura Brasileira” através de um convite de outro projeto de extensão da Educação Física, o “Dançar faz bem”.

A primeira apresentação do Oré Anacã na UFC ocorreu no hall da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) na Mostra Artística, evento de encerramento de semestre que também é organizado pelo professor Marcos Campos. Essas duas apresentações foram próximas do final do semestre tornando claro esse processo de passagem de projeto para a concretização da ideia de um grupo artístico, fazendo com que mais pessoas se inserissem no grupo e investindo em novas coreografias, no entanto não desvinculando essa ideia de experimentação. O grupo perpassa por elementos da cultura brincante das danças tradicionais brasileiras e transfere isso para uma realidade de experimentação na

lógica artística. Por isso o grupo, segundo seu fundador-coordenador, não pode ser vinculado apenas como grupo brincante, pois essa realidade é livre e está vinculada ao lazer, ao ócio criativo.

O primeiro ensaio foi realizado em 16 de fevereiro de 2011. Os ensaios ocorriam dias de terça e quinta das 18h às 21h no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) e abrangia alunos de diversos cursos da UFC e que traziam diversas bagagens relacionadas à dança. Segundo o Prof. Marcos Campos o grupo não necessita, necessariamente, de pessoas experientes em dança, mas sim de pessoas com vontade de vivenciar as danças tradicionais brasileiras.

Ao longo do segundo semestre de 2011, focou-se na criação de coreografias relacionadas ao boi-bumbá de Parintins, festival dos bois Garantido e Caprichoso, no qual ocorre uma competição anual entre eles. A coreografia do Tanameá Marubo, que já havia sido criada pelo professor Marcos Campos no período em que ele trabalhava em uma faculdade particular foi trazida para o grupo com algumas modificações, sendo a primeira coreografia do grupo Oré Anacã dessa nova manifestação abordada. A princípio, a ideia do professor Marcos Campos era de trabalhar, nesse primeiro ano, apenas danças nordestinas, para ser vivenciada a cultura dessa região, porém a dimensão do trabalho com o Boi-bumbá foi tão fluida, intensa e bem recebida por todos os integrantes que ocorreu várias montagens de coreografias dessa dança, possibilitando a ideia da produção de um espetáculo baseado nessa expressão do norte denominado de “Parintins em Festa”.

Esse primeiro ano de trabalho do Oré Anacã foi todo direcionado pelo professor Marcos Campos. As pessoas que entraram no grupo não tinham nenhuma experiência com dança popular e muitas delas não tiveram vivência com nenhuma modalidade de dança. Então o professor foi mostrando a forma dele de trabalhar com a construção coreográfica, mas já pensando, futuramente, em abrir espaço para que as pessoas desenvolvessem a criatividade.

Para a montagem completa de uma dança, eram precisos diversos ensaios. Primeiramente, o professor trazia uma sequência de passos pronta de determinada dança, que estava sujeita a modificações. Após a criação dos passos e aprendizagem dos mesmos, o grupo filmava e focava na criação das movimentações que formariam a coreografia da dança. Ao longo desse processo de construção, paralelamente, também ocorria um auxílio na criação do figurino através de uma ajuda financeira de 10 reais mensais por integrante (50 reais semestrais), para a compra dos materiais necessários e com a confecção dos figurinos.

No primeiro semestre de 2012, o grupo continuou com a construção do espetáculo “Parintins em Festa” paralelamente trabalhando com o Maracatu Pernambucano e uma seleção foi aberta para novos integrantes. Aumentou-se o período de ensaio para os sábados de 13h às 17h para se ter um horário voltado para os novos integrantes do grupo. Foi também em 2012.1 que o Oré Anacã foi contemplado com bolsas de iniciação acadêmica e bolsas de extensão (denominadas tempos depois de bolsa de cultura e arte). Os bolsistas de iniciação acadêmica ficaram à frente de ações específicas dentro do grupo: cuidar do figurino, auxiliar na parte burocrática do grupo, fazer registros fotográficos e textuais do grupo. As bolsas de cultura e arte tinham como objetivo, manter o aluno universitário dentro de projetos culturais e de suas propostas artísticas. Dentro do Oré Anacã, os integrantes contemplados com essa bolsa, teriam que comparecer aos ensaios, às apresentações, auxiliar os novatos na aprendizagem das coreografias e o professor em oficinas ou em alguma proposta cultural que estivesse relacionada com o grupo.

Durante o ano de 2012, o foco de trabalho do grupo foram os ensaios voltados para os novatos, para as pessoas que tinham dificuldade ou dúvidas nas coreografias e a criação das danças de Boi-bumbá, vislumbrando a montagem de um espetáculo de Boi-Bumbá “Parintins em Festa” e um espetáculo nordestino, pois no final desse segundo ano o grupo já tinha uma consolidação de integrantes, da ideia de grupo artístico, da construção de figurinos, de reconhecimento dentro e fora da universidade com a presença em diversos eventos.



Foto 1: construção de figurinos

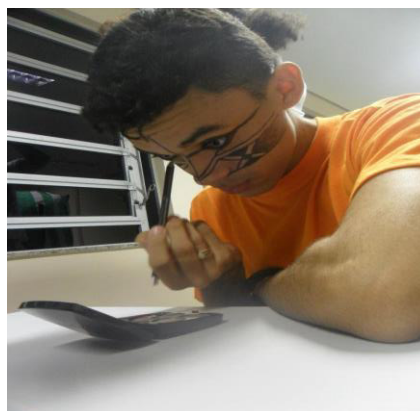


Foto 2: construção da maquiagem indígena (acervo de fotos do grupo).

A partir das danças de Boi-bumbá o grupo começou a ter um espaço maior dentro da criação das coreografias. Dentro dessas danças, existem determinados personagens com características específicas, entretanto há o espaço de criação, de figurino, maquiagem e coreografias partindo de um estudo sistemático da gestualidade e da representação social desses personagens. Segundo o professor Marcos Campos, ele auxiliava com algumas diretrizes, passava vídeos, dava uma ideia do que ele pensava para aquele personagem, mas não com o movimento pronto, dando uma autonomia para os alunos não só na criação de coreografias, mas em outras necessidades do grupo, pois quando estiverem atuando profissionalmente eles poderão trabalhar com isso e terão que lidar com desafios similares ao que é proposto no grupo.



Foto 3: Nome dos itens da direita para esquerda: Pajé, Porta-Estandarte, Rainha do Folclore e Cunhã-Poranga (acervo de fotos do grupo).

Depois desse primeiro momento com os solos, o professor começou a dar a possibilidade de participação dos integrantes na criação das coreografias. Primeiramente

havia uma discussão sobre os passos, como poderia ser feito, o que poderia ser utilizado, de que maneira seria mais fácil o passo, para no segundo momento ter uma interferência na criação das coreografias. O marco inicial desse processo foi na construção da dança da Porta-estandarte, um dos itens das danças de boi-bumbá. Esse processo ocorreu através de uma apropriação de uma lógica gestual, por exemplo: o braço estendido com a palma da mão para frente (como vemos na foto) diz respeito à postura que representa o estandarte, através desse gesto o que poderia ser criado para além desse passo? E assim aconteceu o fluxo de criação. Dando credibilidade ao grupo Oré Anacã como um todo na criação da sua arte. Na foto abaixo vemos apresentação do grupo nos Encontros Universitários no evento CASa das Artes em 2012.



Foto 4: coreografia: Porta-Estandarte. Encontros Universitários no evento CASa das Artes em 2012 (acervo de fotos do grupo).

Em 2013 e 2014, o grupo foi contemplado com o edital ProExt (Programa de Extensão Universitária) que tem como objetivo apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas (MEC 2014). O edital Entre Penas e Contas – a dança popular como meio de valorização das culturas negra e indígena do grupo Oré Anacã tinha como objetivo incentivar e promover as culturas negra e indígena, fundamentando seu trabalho na dança popular brasileira, atuando em três linhas de ação: curso de capacitação para quarenta professores da rede pública de Fortaleza; oficinas de danças brasileiras de ascendência negra e indígena para cento e oitenta integrantes de escolas públicas e comunidades quilombola e indígena; e um espetáculo que será apresentado nestas escolas e comunidades, tematizando as danças representativas da

cultura afro e indígena brasileira: afoxé, maracatu cearense, maracatu pernambucano, bumba-meu-boi, frevo, caboclinhos, côco, samba de roda, carimbó, congado, caiapó e boi bumbá (CAMPOS, 2013). Na sequência estão as fotos da primeira apresentação do espetáculo “Entre Penas e Contas” no teatro Dragão do Mar – Fortaleza-CE.



Foto 5: coreografia: Carimbó. Espetáculo Entre Penas e Contas no teatro Dragão do Mar – Fortaleza/CE
(acervo de fotos do grupo).



Foto 6: coreografia: Lundun. Espetáculo Entre Penas e Contas no teatro Dragão do Mar – Fortaleza/CE
(acervo de fotos do grupo).



Foto 7: coreografia: Frevo. Espetáculo Entre Penas e Contas no teatro Dragão do Mar – Fortaleza/CE
(acervo de fotos do grupo).

Pela prioridade requerida do edital, deixou-se de lado os antigos espetáculos e focou-se no trabalho que o Oré Anacã teria pela frente nos anos seguintes. Havia doze vagas para bolsistas no edital. O trabalho dos bolsistas era a de criar o material e as aulas teórico-práticas que seriam ofertadas na capacitação, pesquisas sobre as danças que foram mencionadas acima nas viagens de pesquisa, ministrar, em duplas, as oficinas que seriam ofertadas nas escolas públicas e comunidades e a apresentação do espetáculo “Entre Penas e contas”.

Foi um ano de intenso trabalho e dedicação do grupo na criação das coreografias para o espetáculo. Quem entrou no grupo durante esse período teve uma pressão maior de aprender e participar das composições coreográficas do que nos outros anos. Apesar do tempo corrido para a finalização e apresentação do espetáculo, viu-se que era possível a realização como um grupo para o grupo.

Durante o ano de 2015 fez-se necessário diminuir a demanda do Oré Anacã, para o retorno aos antigos projetos, como o término do espetáculo “Parintins em Festa”. O professor Marcos Campos, achou necessário esse “retorno às origens” para os novos integrantes se apropriassem dos movimentos, adaptassem o corpo à demanda dos ensaios. Porque o trabalho ao longo dos anos tornou-se fluído, sendo visível o prazer e a alegria de participar deste grupo.

2.5. Relato pessoal do percurso formativo no Oré Anacã.

No item anterior, foi apresentado o Oré Anacã a partir da entrevista realizada com o professor Marcos Campos, fundador e coordenador do grupo. Neste momento, será relatada a minha inserção neste projeto que salientará aspectos que marcaram a minha formação profissional. Posteriormente, será apresentada a pesquisa realizada com outros integrantes do grupo que foram entrevistados a partir de temáticas que foram identificadas de forma latente na minha própria história de vida relacionada ao Oré Anacã e a Educação Física.

Ingressei no grupo em no segundo semestre de 2011, uma semana após ingressar no curso de Educação Física – Bacharelado da UFC. Tive conhecimento sobre o grupo através do professor Marcos Campos, que anunciou em sua aula de Formação rítmica em Educação física, a existência do grupo e que nós seríamos bem-vindos para conhecer e participar; chamei alguns recentes colegas de turma para participar pela curiosidade de nunca ter me envolvido conscientemente em alguma manifestação artística da cultura popular e por querer experimentar o máximo de vivências possíveis dentro da universidade.

Percebi, no meu primeiro ensaio, que a maioria dos integrantes do grupo eram meus colegas de curso de variados semestres; acredito que isso aconteça porque a sede do grupo é no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) facilitando a inserção de mais alunos da Educação Física. O grupo abrangia alunos de diversos cursos como: medicina, música, psicologia, dança, zootecnia, etc.

No segundo semestre, o grupo já tinha quatro coreografias prontas. Então o objetivo dos novatos, eu sendo uma delas, era a de aprender as coreografias o mais rápido possível para podermos apresentar futuramente. Basicamente, nós ficávamos no fundo da sala, atrás dos mais experientes e tentávamos aprender através do que eles faziam, uma reprodução da reprodução. Como alguns passos perdiam alguns detalhes durante a aprendizagem, O professor Marcos Campos fazia o refinamento dos gestos e dos passos, corrigindo detalhes depois que a maioria já tinha conhecimento da coreografia.

No ano de 2012, fui contemplada, junto com outras duas integrantes, com a bolsa de cultura e arte, partindo para outra perspectiva dentro do Oré Anacã, com o compromisso de transmitir os meus conhecimentos para outros integrantes do grupo. No início, fiquei um pouco apreensiva, pois eu não tivera nenhuma experiência prática e metodológica para conduzir os novos e antigos membros. Além do motivo anterior, as duas outras bolsistas tinham mais tempo de grupo e tinham um maior conhecimento do trabalho conduzido pelo coordenador, por isso as deixei ficar a frente desse processo anual, intervindo quando necessário.

Nesse ano, também ocorreu uma abertura, por parte do coordenador, aos integrantes no processo criativo das coreografias através da montagem dos solos dos personagens de boi-bumbá. O professor Marcos Campos veio a mim e perguntou se eu não estaria interessada em criar um solo para a Cunhã-Poranga, que representa a índia mais bela da tribo que encanta os índios guerreiros. Disse sim ao desafio e fui buscar vídeos que pudessem me dar uma fundamentação gestual da personagem. Apesar da insegurança e timidez de mostrar o que eu havia feito, o coordenador gostou do trabalho, reestruturando apenas algumas coisas que eu havia criado que não se encaixava na gestualidade da personagem e das danças de boi-bumbá.

Em 2013, fomos contemplados com o Edital “Entre Penas e Contas” e pude participar do projeto, no primeiro momento, com o olhar de pesquisadora, um olhar mais atento às expressões culturais. Eu e outra bolsista juntamente com o professor Marcos Campos escolhemos ir para a Bahia para pesquisar sobre Samba de Roda e Afoxé no primeiro semestre de 2013. Foi uma experiência incrível conhecer pessoas que fizeram parte do início dessas manifestações culturais como a Mestre Nicinha do Samba que ainda hoje reside em Santo Amaro da Purificação, berço do Samba de Roda. Conhecer e estar em volta da arte, da cultura popular me fez ver a importância de se preservar essa herança cultural, a busca inconstante de suas fontes e da preservação da gestualidade.

Após esse primeiro momento, tivemos a oportunidade de ministrar oficinas às crianças de escolas públicas. Através do que aprendemos e pesquisamos, tínhamos que encontrar uma maneira de fazer essas crianças se interessarem pela cultura popular numa

sociedade que consome o que a mídia oferece. Eu e outro bolsista éramos responsáveis pela aula e começávamos com atividades lúdicas para atrair os alunos para a próxima atividade; no segundo momento nós contávamos um pouco sobre a história da dança que abordaríamos e depois ensinávamos alguns passos para tentarmos criar uma coreografia. E assim ocorreu durante o segundo semestre de 2013. Apesar da falta de interesse da escola na nossa atuação com os estudantes e a diminuição da quantidade de alunos durante o semestre, nós conseguimos trabalhar uma variedade de danças com eles.

No período de 2014, eu não me inscrevi para nenhuma bolsa vinculada ao Oré Anacã, isso porque queria ter o máximo de experiências em relação às bolsas ofertadas na universidade, sendo contemplada com uma bolsa de monitoria. O grupo continuava no seu segundo ano de PROEXT e o professor Marcos Campos achou necessário alguém estar à frente do grupo quando ele não estivesse devido às viagens de pesquisas e outros compromissos. Fui, então, nomeada pelo professor Marcos Campos a “coordenadora de ensaio”. Ao perguntar a ele quais foram os seus critérios para me escolher, ele respondeu que para ser coordenador não bastava o conhecimento técnico puro das danças, era necessário ter empatia na coordenação do coletivo. Nesta função, era essencial atuar de forma atenta às relações interpessoais, e isso favoreceu o respeito imediato dos integrantes.

No primeiro semestre de 2015 o grupo não foi contemplado com o programa PROEXT, as bolsas vinculadas ao grupo que permaneceram foram as bolsas de cultura e arte e a de iniciação acadêmica. Eu continuo no grupo Oré Anacã participando ativamente das atividades e com o meu papel de coordenadora de ensaios.

3. PERCURSO METODOLÓGICO: em busca dos percursos singulares e das narrativas plurais

Esta pesquisa parte, primeiramente, de uma pesquisa bibliográfica que fundamenta a Extensão Universitária no âmbito histórico, a sua aplicabilidade ao longo dos anos da sua evolução e seus propósitos dentro da universidade. Para obter informações relevantes frente ao conteúdo deste trabalho, buscou-se em livros, dissertações e utilizou-se o recurso do método biográfico com o relato de histórias de vida por intermédio de uma entrevista aberta com o fundador e coordenador do grupo e com os integrantes e ex-integrantes do grupo Oré Anacã. No segundo momento do trabalho, identificou-se e analisou-se a importância das contribuições do grupo Oré Anacã na formação dos profissionais de Educação Física, utilizou-se a abordagem fenomenológica.

O recurso do **método biográfico** (BUENO, 2002) abrange diversas modalidades de estudos com histórias de vida, sejam biográficas ou autobiográficas. As histórias de vida trabalham com o conceito de estudar a história de uma determinada pessoa por intermédio de documentos, fotos, entrevistas e relatos orais, buscando entender a sua interação com o espaço, com os grupos que convive e como esses contatos atuam positiva e negativamente na contínua construção da sua profissão.

De acordo com Bueno (2002) esta perspectiva metodológica começou a ser amplamente utilizada nos anos 1920 e 1930 em Chicago, voltando apenas a ser aplicada em 1980 com a publicação da obra franco-quebequense *Produire sa vie: autoformation et autobiographie* (PINEAU, 1983). A partir dessa obra e de outras, essa metodologia começou a ganhar espaço, pois era notória a necessidade de uma renovação metodológica e do reconhecimento de um método autônomo de investigação. Porém, a dificuldade de inserir o método biográfico na sociedade vinha do impedimento de transformá-la em um método científico, de quantificar os seus produtos, pois o método é marcado intrinsecamente pela subjetividade.

“A biografia é subjetiva em vários níveis: primeiro, porque através dela o pesquisador lê a realidade do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado; depois, porque os materiais – em geral autobiográficos – estão sujeitos a inúmeras deformações: se escritos, decorrem do fato de ser ‘um sujeito-objeto que se observa e se reencontra’; se orais, das interações entre o observador e o observado” (BUENO, 2002, p.17).

O perigo para Ferrarotti (1991) era o de interpretar uma biografia com uma finalidade absoluta e irreduzível, por isso, ele sempre tentava relacionar biografias individuais com características gerais de um determinado acontecimento histórico ou período datado e específico.

Ferrarotti (apud BUENO, 2002) explica que existem os materiais primários que consistem em relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador, na maioria das vezes através de entrevistas realizadas face a face e os materiais secundários que estão relacionados a fotos, documentos, vídeos, cartas, documentos oficiais, cuja produção não teve como objetivo servir a pesquisa.

Neste trabalho, focamos a utilização das histórias de vida de pessoas em um determinado grupo, compondo narrativas que interligam o individual e o coletivo, as narrativas singulares e os percursos plurais, pois como Ferrarotti (1991) cita:

“Cada indivíduo não totaliza diretamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto, etc.” (p.174).

Foi realizado um levantamento estimado dos integrantes do Oré Anacã no período de 2011 ao primeiro semestre de 2015. A tabela a seguir apresenta o tempo de participação no grupo Oré Anacã e especifica de quais as bolsas os sujeitos participaram enquanto estavam no grupo. Os integrantes e ex-integrantes que estão marcados com asteriscos (*) são alunos ou graduados do curso de Educação Física da UFC.

Tabela 1: Integrantes do grupo Oré anacã divididos por ano de participação

2011	2012	2013	2014	2015
André Cyrino*	André Cyrino*	André Cyrino*	Allana Freitas*	Allana Freitas*
Andreza Lima	Aurifran Barroso	Beatriz Leão*	Andréia Rocha*	Amanda Maria
Aurifran Barroso	Beatriz Leão*	Emanuel Gomes*	Beatriz Leão*	Andréia Rocha*
Fabício Leomar*	Fabício Leomar*	Fabiano Rocha	Emanuel Gomes*	Beatriz Leão*
Junior Marinho	Gabriela Pontes	Fabiano Rocha	Fabiano Rocha	Fabiano Rocha
Klertianny Teixeira*	Gardênia Brito*	Fabício Leomar*	Fabício Leomar*	Felipe Souza*
Heitor Fernandes*	Heitor Fernandes*	Felipe Souza*	Felipe Souza*	Gabriela Pontes
Junior Marinho	Igor Gonçalves*	Gabriela Pontes*	Gabriela Pontes	Gardênia Brito*
Nara Silveira	Junior Marinho	Gardênia Brito*	Gardênia Brito*	Geo Gates
Natália Almada	Klertianny Teixeira*	Heitor Fernandes*	Heitor Fernandes*	Guilherme Arruda
Lorena Queiroz*	Lara Melo*	Igor Gonçalves*	Igor Gonçalves*	Heitor Fernandes*
André Cyrino*	Lia Mota	Junior Marinho	Junior Marinho	James Banner
Andreza Lima	Lorena Queiroz	Klertianny	Klertianny Teixeira*	Junior Marinho
Aurifran Barroso	Mariana Freitas*	Teixeira*	Lailla Frota*	Klertianny Teixeira*
Fabício Leomar*	Nara Silveira	Lailla Frota*	Lara Melo*	Lailla Frota*
Gardênia Brito*	Natália Almada	Lara Melo*	Lia Mota	Lara Melo*
Heitor Fernandes*	Patricia Andrade*	Lia Mota	Lorena Queiroz	Lorena Queiroz*
Igor Gonçalves*	Priscila Oliveira*	Lorena Queiroz*	Mariana Freitas*	Patrick Anderson*
Junior Marinho	Roger Miller*	Mariana Freitas*	Melissa Reif	Mariana Freitas*
Klertianny Teixeira*	Sylvânio Ferreira	Nara Silveira	Nara Silveira*	Melissa Reif
Lia Mota	Tamires Ferreira*	Natália Almada	Natália Almada	Nara Silveira
Lorena Queiroz*		Patricia Andrade*	Patricia Andrade*	Patricia Andrade*
Nara Silveira		Patrícia Lima*	Patricia Lima*	Pedro Jonas*
Natália Almada		Priscila Oliveira*	Pedro Jonas*	Rauny Souza
Patricia Andrade*		Roger Miller	Priscila Oliveira*	Sylvânio Ferreira
Sylvânio Ferreira		Sylvânio Ferreira	Sylvânio Ferreira	Tailan Ewerk*
Tamires Ferreira*		Tailan Ewerk*	Tailan Ewerk	Tanara Alves*
		Tamires Ferreira*	Tamires Ferreira*	Veridiana Marques*
		Tanara Alves	Tanara Alves*	Yuri Dourado*
			Veridiana Marques*	Will rodriques

Tabela 2: Integrantes contemplados com bolsas durante sua participação no grupo

	2011	2012	2013	2014	2015
Bolsa de cultura e arte		Lorena Queiroz Nara Silveira Patricia Andrade	Emanuel Gomes Felipe Souza Gabriela Pontes Junior Marinho Lara Melo Lailla Frota Priscila Oliveira Tanara Alves	Allana Freitas Emanuel Gomes Junior Marinho Lia Mota Veras Nara Silveira Pedro Jonas Priscila Oliveira	Allana Freitas Beatriz Leão Felipe Souza Gabriela Pontes Gardênia Brito Heitor Fernandes Lara Melo Patricia Andrade Pedro Jonas Tailan Ewerk
PROEXT – Entre Penas e contas		-	André Cyrino Beatriz Leão Heitor Fernandes Gardênia Brito Mariana Freitas Lia Mota Veras Patricia Andrade Klertianny Teixeira Emanuel Cavalcante Fabiano Rocha Igor Gonçalves Tamires Ferreira	Beatriz Leão Gabriela Pontes Gardênia Brito Lara Melo Mariana Freitas Heitor Fernandes Natália Almada Felipe Souza Fabiano Rocha Emanuel Cavalcante Klertiany Teixeira Tailan Ewerk	-
Iniciação acadêmica	-	Roger Miller Tamires Ferreira		Andréia Rocha	Andréia Rocha
Educadance	-	Igor Gonçalves Heitor Fernandes	Roger Miller	Roger Miller	-

Dos 40 integrantes e ex-integrantes, de acordo com a tabela estimada, fizeram parte do grupo, 16 foram entrevistados para esta pesquisa.

Selecionamos apenas aqueles que foram ou são estudantes do Curso de Educação Física da UFC e que são integrantes e/ou ex-integrantes do grupo Oré Anacã, entre os anos de 2011 e 2015.1, investigando a história de vida com foco nas contribuições na experiência no grupo para a formação profissional.

A entrevista foi filmada e posteriormente os discursos foram descritos. A entrevista contou com perguntas abertas a partir das seguintes perguntas geradoras:

- O que representa o Ore Anacã na sua vida?
- Quais as contribuições do Ore Anacã na sua formação como professor/profissional de Educação Física?

As entrevistas foram filmadas na sala de figurinos do Oré Anacã ou em alguma sala de aula disponível do bloco do IEFES.

Antes de iniciar a pesquisa todos os integrantes assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. Optou-se com consentimento destes, em revelar os nomes na análise dos dados por ser uma pesquisa de história de vida (modelo segue em anexo). A opção por manter os nomes e identidades dos integrantes deu-se ao fato de se tratar dos seus percursos dentro da história de um projeto de extensão e de seu impacto na formação profissional.

Para **análise das entrevistas** utilizou-se a abordagem fenomenológica a qual buscará um caminho para desvelar as contribuições do grupo Oré Anacã na formação de profissionais de Educação Física que foram integrantes deste projeto de extensão no período de 2011 a 2015.1.

Uma breve contextualização histórica dessa corrente do pensamento filosófico será apresentada para justificarmos os motivos de utilizá-la neste trabalho.

Araújo (2010) relata que “a Fenomenologia é a ciência que procura abordar o fenômeno, aquilo que se manifesta por si mesmo”. Ela tem a intenção de captar o seu cerne por intermédio de abordagens, interrogações e descrições, tal qual ele se

representa na consciência. Então, o método fenomenológico fundamenta-se em uma descrição meticulosa dos fenômenos até chegar ao seu âmago, no ponto final da percepção. Teve como fundador Edmund Husserl.

Para Surdi e Kunz (2010), quando a Fenomenologia fala de mundo ela se refere ao mundo de cada um. Ela se torna vivência enquanto se relaciona com a realidade que é aprendida pelos sentidos abrindo uma área para se pensar a realidade humana. Edmund Husserl tinha como objetivo principal compreender o mundo como fenômeno, pois o fenômeno é tudo que aparece em nossa consciência e que é aprendido antes de uma reflexão. A realidade é similar a um fenômeno que surge em nossa consciência buscando representar tudo que é incompreensível em si mesmo e isso só acontece através de nossas experiências e vivências cotidianas. O homem se faz em um certo espaço e tempo, com um determinado tipo de experiência, fazendo a Fenomenologia reconhecer essa experiência, identificando o que existe de único na existência humana.

Zilles (2017) comenta que a fenomenologia para Husserl:

“É uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais” (p.218).

Ao falar sobre a fenomenologia, Husserl também descreve seus instrumentos metodológicos para uma análise fenomenológica que são a redução fenomenológica e o princípio da intencionalidade.

A redução fenomenológica (ARAÚJO, 2010) consiste em colocar o mundo entre parênteses. Ela tem como finalidade chegar ao fenômeno, em sua essência. A redução fenomenológica é um modo particular de prestar atenção, de ir ao fenômeno. Os discursos, as opiniões, os juízos ou preconceitos referentes a um fenômeno se colocando

de lado para poder interrogá-lo, pois a redução fenomenológica é um princípio consciente e ativo de nós mesmos ao fenômeno como fenômeno.

Com a redução fenomenológica (ZILLES, 2007) o “eu” se apresenta como uma condição de possibilidade de ter em vista o mundo (fenômeno), pois todo o sentido e valor a dar ao Ser se baseiam em funções intencionais. Assim, chega-se ao conhecimento como princípio de toda a certeza e de todo o saber e ter no mundo, pois esse método é a tentativa de descrever a vida da consciência como se apresenta à reflexão.

Araújo (2010) fala que o princípio da intencionalidade é a relação entre o objeto e consciência, pois a consciência é sempre consciência de algo. Zilles (2007) comenta que Brentano, leva a intencionalidade para uma característica mais psíquica, a relação com um objeto: eu vejo, eu amo, eu valorizo algo. Isso não ocorre do encontro de um corpo com o outro, pois os atos psíquicos permanecem os mesmos quando um objeto é real ou não.

Martins e Bicudo (2006) relatam que a Fenomenologia, como método de pesquisa é uma forma radical de se pensar. Ela parte de caminhos conhecidos no qual se efetuam as práticas sociais e se realizam as ações, desafiando os pré-conceitos e estabelecendo uma nova perspectiva de compreensão do fenômeno.

A Fenomenologia parte do que foi vivenciado empiricamente para ser compreendido na dimensão da experiência vivenciada e percebida (MARTINS E BICUDO, 2006).

A análise do fenômeno é dividida em três partes:

- 1) Descrição fenomenológica das entrevistas;
- 2) Redução fenomenológica para levantamento das unidades de significado e a categorização.
- 3) Interpretação fenomenológica das unidades de significado.

3.1. Descrição dos discursos dos sujeitos.

Sujeito 1: Alana Freitas.

Alana Freitas é integrante do grupo Oré Anacã, estudante do curso de Educação Física – Bacharelado (Noturno) iniciando em 2014.1 e conheceu o grupo através de um integrante do grupo, Felipe Souza, que falou sobre o grupo em um trabalho de uma disciplina que pedia para que os alunos apresentassem coisas importantes das suas vidas, ele apresentou o Carimbó para os alunos com o auxílio de uma integrante do grupo. Alguns dias depois da apresentação do Felipe, Alana foi procurá-lo, pois estava interessada em participar do Oré Anacã, então ele a levou para o ensaio e após esse encontro teve a certeza de que queria participar do grupo.

Ela comentou que entrou para o curso de Educação Física porque sua vontade era de trabalhar com a dança e o curso possibilitaria um leque maior de possibilidades nessa e em outras áreas. Entrar para o Oré Anacã deu a certeza de que ela realmente queria trabalhar com a dança e foi encantador para ela perceber que a dança vai além de passos ensaiados, de apresentações para um público, como também representa o seu sentimento ao dançar. Uma das coisas importantes que ela ressaltou foi que o grupo lhe proporcionou uma nova visão sobre o que é cultura, principalmente vinculado com a dança, pois a cultura interliga todos os processos da criação da coreografia, principalmente na dança popular. Por ter esse conhecimento, quem trabalha com a dança popular se envolve profundamente com esse trabalho de pesquisa, de entender a cultura do outro, de buscar referências, de ir ao local de origem da dança e saber como tudo aconteceu, de entender a história de determinada dança e fazer com que os outros entendam esse processo. Esse trabalho é de extrema importância para ela que trabalhará com dança.

Alana foi contemplada com a bolsa de Cultura e Arte no segundo semestre de 2014 e em 2015, e para ela foi uma grande experiência estar mais próxima do processo coreográfico e montagem dos figurinos. Ela contou também como o trabalho em equipe dentro do grupo foi importante na sua formação profissional, tanto da coreografia em si, na hora da dança, em que o grupo precisa estar em harmonia para concretizar a dança,

tanto do comprometimento de ir aos ensaios, de auxiliar os outros e de fazer parte do processo de criação coreográfica.

Atualmente ela dá aulas de jump em uma academia, e o grupo a ajudou bastante nesse processo de entender o tempo da música, de aprimorar o ritmo, de criação de coreografias e de trabalhar em equipe. Ela comentou que o Oré Anacã foi uma das experiências mais importante que ela pode ter contato dentro da universidade.

Sujeito 2: André Cyrino

André Cyrino é ex-integrante do grupo Oré Anacã, é formado em Educação Física – Licenciatura (2014) e atualmente trabalha na área escolar como professor de Educação Física do estado do Ceará na escola Mariana Martins no bairro Enrique Jorge.

Em 2011, no seu primeiro semestre, apareceu à oportunidade de participar do Oré Anacã e apesar de ter conhecimento sobre cultura popular, ele não tinha experiência com dança popular, principalmente com a prática. Ficou até o final de 2013, mas sem ter realmente se despedido do grupo, com a esperança de um dia voltar a participar.

Como toda nova prática que se inicia, um novo mundo se abria para ele. No início houve um pouco de medo e ao longo de cada trabalho, cada dança experimentada, ele se sentia mais parte de um coletivo, durante muito tempo o Oré Anacã foi para ele um ambiente semelhante ao ambiente familiar, onde ele encontrava seus amigos, seus afetos, algo que ajudou muito no começo no processo, por outro lado a dança o contagiou aos poucos, modificando seu corpo.

Como professor de Educação Física, que não é especializado em uma determinada área, pois ele pretende trabalhar em todas as dimensões do movimento corporal ele agradece sempre a oportunidade de participar do Oré Anacã. Porque a dança em si é um tabu, segundo André, pois quem trabalha com ela são pessoas especializadas nessa área e quem não é especializado geralmente não trabalha porque não gosta ou porque simplesmente não se sente seguro em trabalhar com a dança.

Participar do grupo não o fez especializado em dança, mas lhe deu segurança para trabalhar com ela. Ele compreende essa insegurança dos profissionais, pois, muitas vezes, uma disciplina não é suficiente para lhe dar o suporte para trabalhar nessa ou em qualquer outra área. Então como formar um profissional de Educação Física? Perguntou André. Ele primeiramente fez referência ao ensino básico e fundamental, onde a EF se encaixa no padrão de ensino das outras disciplinas, porém sendo trabalhada de forma diferente, muitas vezes fora da sala de aula, tendo vivências práticas. Essa forma de trabalhar diferente a Educação Física também deveria ser levada em conta no ensino superior, buscando novos meios de abordar e mensurar o ensino das modalidades que engloba o curso e a vivência de suas práticas.

Para ele que lida com a dança como um dos elementos e não o elemento central do seu trabalho foi incrível a experiência no Oré Anacã. Um fato importante que ele citou é que ele propõe na escola, não apenas a dança popular, mas também outras modalidades da dança, pois um dos trabalhos mais importante feito dentro do grupo foi o de os integrantes se sentirem capazes de dançar e de trabalhar com a dança.

Durante seu envolvimento no Oré Anacã, André foi bolsista do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena”. A princípio ele ressaltou que foi um período complicado de muitas responsabilidades e de novos receios, porém de extrema importância, pois aquela deveria ter sido a primeira vez, de muitas pessoas de passarem um pouco do que sabia para outras pessoas, o acesso do conhecimento tornou-se mais amplo com as viagens, pesquisas e estudos por conta própria para o processo e criação das aulas das capacitações e oficinas ofertadas, culminando com a criação de um belo espetáculo intitulado ENTRE PENAS E CONTAS, no qual os integrantes apresentaram as danças aprendidas ao longo do ano.

Para André, a relação com o grupo, com a dança, foi/é uma relação corporal consigo mesmo, porque a dança é um local de apresentação e exposição de si. Para aqueles que não têm uma liberdade completa do corpo, acabaram aprendendo, de certa forma, dentro do Oré Anacã, nas danças com pouca roupa como as danças indígenas ou até com outros figurinos, que colocar o seu corpo, o movimento para o julgamento de outros olhos acaba se tornando um momento de libertação e não é pela sua aparência, que você

irá se retrair na hora da dança, finalmente percebendo que se tornou uma inspiração para outros olhos.

Sujeito 3: Andréia Rocha

Andréia Rocha é integrante do Oré Anacã, está no 4º semestre em Educação Física – Bacharelado. Conheceu o grupo no primeiro dia de aula através de uma apresentação e ficou encantada, pois não imaginava que na Educação Física existisse um grupo voltado para a dança popular. Pouco tempo depois, o Coordenador Marcos Campos a convidou para participar do grupo como bolsista de Iniciação Acadêmica, ingressando em abril de 2014, para lidar com a parte burocrática do grupo como frequência dos integrantes, catalogação dos dados pessoais dos bolsistas e integrantes, auxílio durante as apresentações com o figurino e maquiagem. Porém, em uma dessas apresentações, em setembro do mesmo ano, o coordenador Marcos Campos precisou substituir uma dançarina e pediu a Andréia que dançasse no lugar. Foi neste momento em diante que a Andréia começou a dançar no grupo. Atualmente está como bolsista de Iniciação Acadêmica e como dançarina.

Para ela está sendo uma experiência incrível poder atuar no grupo tanto como bolsista nessa área burocrática, tanto como dançarina aprendendo novas formas de ensinar, novas maneiras de englobar a dança popular na sua área de atuação, trabalhar de uma forma mais dinâmica e divertida com os alunos independente do assunto, a lidar e conviver com as pessoas, pois o Oré Anacã lhe proporciona diversos momentos de alegria, criando um vínculo forte de família dentro do grupo, possibilitando para ela uma nova visão da Educação Física.

Sujeito 4: Beatriz Leão

Beatriz Leão é integrante do Oré Anacã e conheceu o grupo em 2011, através do coordenador Marcos Campos que ministrava aulas para sua turma, porém só ingressou no grupo em 2012 após concluir sua formação em balé clássico. É formada em licenciatura pela UFC (2014.2) e cursa agora o bacharelado.

Antes de ingressar no Ore Anacã, o contato que teve com a cultura popular era apenas com as danças tradicionais mais conhecidas como Quadrilha, Reisado e Pastoril que foram vivenciadas na escola. No início da sua participação no grupo, ela comenta que sentiu um pouco de dificuldade para acompanhar o aprendizado das coreografias, pois apesar de já ter uma longa experiência com dança, a movimentação e a gestualidade da dança popular eram para ela muito diferentes do que o Balé clássico, no qual tinha formação. Precisou de um tempo para adaptar-se a nova modalidade.

Para ela, o Grupo foi um “encontro” dentro da Educação Física. O balé tinha um vínculo mais técnico, de perfeição, de execução. A dança popular pela sua representação na história brasileira, por ser vinculada diretamente às nossas raízes, de onde nós viemos, despertou na Beatriz um vínculo mais afetivo. E esta foi uma grande contribuição em sua formação. Outro bom desdobramento por participar do grupo foram as amizades, num ambiente agradável e divertido que criou laços estreitos entre os integrantes.

Em 2013 e 2014 ela teve uma bolsa remunerada no programa PROEXT: “Entre Penas e Contas – uma valorização das culturas negra e indígena”, no qual essa experiência também foi abordada no seu trabalho de conclusão de curso. A bolsa consistia em três grandes processos. No primeiro, ocorriam viagens de pesquisas para o aprofundamento no estudo sobre as danças populares através de vivências, entrevistas e filmagens feitas ao longo das viagens, no segundo momento ocorreriam às montagens dos materiais didáticos e das aulas através das pesquisas *in loco* e de grupo de estudos para as capacitações direcionadas a professores do ensino público e apreciadores da cultura popular, e oficinas em escolas públicas e comunidades quilombolas e indígenas, o último processo consistia em uma apresentação do espetáculo Entre Penas e Contas que apresentaria ao público as danças trabalhadas ao longo do programa. Ela comentou que essa experiência foi incrível para ela porque ela pode pesquisar *in loco* em viagens, conhecer a dança na sua essência, conversar com os mestres que tentam manter a cultura popular viva entre as gerações e pode ter o contato direto com a docência durante a capacitação e as oficinas, transmitindo aquilo que aprendeu nas pesquisas para os alunos, trabalhando com diversas faixas etárias. Além de falar sobre o programa em si, o seu TCC também abordou o trabalho de Beatriz juntamente com outra bolsista,

Gardênia, no processo das oficinas em sua escola de atuação, desde os ensaios, confecção de figurinos e apresentações. Em 2015 ela foi contemplada com a bolsa de Cultura e Arte.

Sujeito 5: Emanuel Cavalcante

Emanuel Cavalcante é integrante do grupo Oré Anacã, cursa Educação Física – Bacharelado e conheceu o Oré Anacã em 2011, quando ainda era estudante do curso de Economia Doméstica, em uma apresentação que o grupo fez no Encontros Universitários deste ano. Mas ingressou apenas em 2012, quando entrou para o curso de Educação Física.

Porém, a história de Emanuel com a dança vem bem antes do Oré Anacã. Ele sempre gostou muito de dançar, seja amadoramente ou profissionalmente. Ele comentou que não vem de uma base sólida, de apenas um estilo de dança. Ele começou na sua cidade interiorana criando ou apenas copiando as coreografias de algumas músicas junto com os seus colegas. Apenas quando ele se mudou para Fortaleza foi que ele teve contato com outras modalidades de dança, como o Balé, o Jazz, as danças populares e a dança contemporânea. As diferenças entre essas modalidades são bastante discrepantes. O Balé exige uma forma graciosa, alongada e fixa do corpo que Emanuel acha muito difícil de ser assimilada pelo corpo, vendo a necessidade do Balé de atuar muito cedo no treinamento dos corpos. Sua experiência de um ano no Balé foi válida para ele por ter a oportunidade de compreender o corpo no Balé, o seu ritmo e a sua mobilidade. O Jazz e a dança contemporânea buscam desconstruir esse corpo mais contido agregando a sutileza e a suavidade do Balé. E a dança popular vai de encontro com essas modalidades, é uma área livre, que busca o ser brincante em suas inúmeras possibilidades de gestualidades, mas que também tem suas técnicas, que não são tão fechadas, e sua estética. Na dança popular não existe forma exata ou uma pré-disposição metódica a ser trabalhada, existem várias verdades e várias corpos múltiplos e diversos compartilhando um conhecimento.

Emanuel é de uma cidade chamada Tamboril e veio para Fortaleza estudar, o que foi muito difícil no início, estar sozinho em um novo ambiente. Entrar no Oré Anacã

ajudou nesse processo e ele considera o grupo uma segunda família. O grupo o acolheu e durante esses anos de participação, ele criou fortes vínculos com os integrantes, que participaram da sua evolução tanto como dançarino e como pessoa.

Em 2013 e 2014, Emanuel foi contemplado com o programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena” e ele comenta que foi uma grande experiência o contato com as pesquisas, oficinas, que apesar de alguns problemas para inserir essas aulas nas escolas públicas, o aprendizado foi bastante válido, e a capacitação contribuiu para o entendimento dessa formação em dança e cultura popular, da cultura corporal a partir da dança, de como dar uma aula, tanto para os bolsistas responsáveis pelas aulas, tanto para os alunos da capacitação.

Emanuel também relatou que teve, paralelamente, uma grande experiência em com a bolsa PID em 2013 com o Professor Marcos Campos na área da dança e em 2014 com a Professora Lorena Nabanete Dos Reis Furtado na área da ginástica, na qual é uma área que ele aprecia pois trabalha com o treinamento, com a destreza corporal, e para ele trazer esses ensinamentos para a área da dança foi bastante significativo pois o orientaram sobre como atuar na formação de uma pessoa.

As viagens feitas pelo grupo para os encontros de dança popular em Outro Preto, Porto Alegre teve bastante importância para Emanuel, pois a cultura popular conseguiu reunir grupos do Brasil inteiro com características peculiares de cada região com o mesmo sentimento de amor pela cultura popular, compartilhando experiências, vivências, amizades que modificam esses corpos folclóricos e culturais.

Sujeito 6: Fabrício Leomar

Fabrício Leomar é ex-integrante do grupo, formado em Educação Física – Licenciatura pela UFC (2012) e tem mestrado em Educação na UFTM e atualmente está tentando ser professor da rede pública de ensino do Estado do Ceará. Falar do Oré Anacã para ele lembra muito essa vontade de ser professor. Está afastado do grupo por conta da preparação para futuros concursos para professor do estado.

Ele nunca teve experiência com dança seja em sua formação básica, seja na graduação, pois no seu currículo não tinha disciplina obrigatória de dança, quem quisesse fazer teria que ser uma disciplina optativa. O grupo foi um caminho para ele se interessar em fazer a disciplina optativa de dança, conhecer e dançar outras modalidades, praticando atualmente dança de salão no IFCE. Ele entrou no Oré em 2011.1 e brincou dizendo que foi um acaso movido por uma vontade que nem ele mesmo conhecia. Um dia em que ele estava passando pelo corredor do IEFES, ouviu as músicas durante o ensaio e resolveu entrar na sala para conhecer. Sabia que era um grupo de dança popular, o que o motivou ainda mais a participar, pois é um dos assuntos que ele aprecia. Durante o primeiro ensaio que participou ficou apenas olhando, com aqueles pré-conceitos de não saber dançar e se não sabe dançar não é aberto a experimentar.

Voltou aos ensaios na semana seguinte esperando algo que o motivasse a dançar, então lembrou toda a sua formação acadêmica até aquele momento e do desafio que propôs a si mesmo de participar das experiências propostas no curso de EF. Sentiu-se bem acolhido pelo grupo e pela proposta do grupo de receber pessoas com ou sem experiências em dança para que esse processo tornasse parte da sua formação para que no futuro os integrantes estivessem aptos a trabalhar nesta área. E ele conseguiu ver claramente a relação dessa experiência no grupo com a sua futura área de atuação, a escola. De poder trabalhar com mais esse recurso que lhe foi proporcionado.

Com a dança ele passou a se sentir mais motivado, mais presente com ele mesmo e dançava pela vontade de sentir a dança. Algo muito interessante aconteceu com ele fora do grupo. Seus sobrinhos descobriram que ele dançava, e por gostarem muito de dançar, o Fabrício começou a ensinar as danças do Oré Anacã para eles, já pensando nessa perspectiva de ser professor e foi uma experiência muito boa, pois eles começaram a criar passos, criando novas coreografias.

Fabrício falou que sair de um estágio em que não sabia dançar, para ser dançarino de um grupo e ter a vontade de ensinar a dança na escola da perspectiva que é abordada na EF, foi um avanço muito grande em sua formação tanto acadêmica e de vida. Acadêmica, por a dança ser um dos aspectos abordados pela EF e da angústia de não experimentar isso durante sua formação, e de vida se sentindo mais aberto as possibilidades e mais confiante.

Algo que ele relatou que foi difícil para ele no início foi o medo de se apresentar no palco, porém era um medo que não paralisava, mas que motivava pois também existiam várias pessoas com ele na mesma situação no qual era perceptível essa vontade de fazer, de apresentar essa nossa dança. Essa nova experiência também abriu novas possibilidades de ver a dança, não apenas como um espetáculo, mas como ela faz mover as pessoas que assistem, tanto sentindo e observando que aquilo que o grupo dança, faz parte da cultura brasileira que muitas vezes é esquecida.

Ele também comentou sobre as viagens que o grupo fez, no qual o grupo conheceu diversos grupos de outros estados que também dançavam dança popular, que compartilhavam da história sofrida que é trabalhar com a cultura popular pela falta de recurso. Nessas viagens, os grupos davam oficinas uns para os outros para compartilhar a realidade da dança nesses outros locais, viver a dança a partir dos grupos que vivem fortemente nessas culturas, tendo uma experiência mais ampla, passando por essas vivências externas. Segundo ele, o Brasil é diverso em cultura, então é preciso ter essa troca, é preciso que a cultura popular converse com ela mesma.

Sujeito 7: Felipe Souza

Felipe Souza é integrante do Oré Anacã, estudante de Educação Física – Licenciatura e ele conheceu o grupo, quando cursava Comunicação Social na UFC, através de uma integrante do grupo que lhe perguntou se ele não estaria interessado em participar do Oré Anacã. Após ver algumas apresentações do grupo e ingressar no Oré, ele percebeu que o grupo tem o propósito de valorizar e propagar a cultura popular através da dança.

No seu início no grupo, criando vínculos com os integrantes, se envolvendo com a dança, ele percebeu o leque de possibilidades que o grupo estava lhe oferecendo e que essa nova experiência no Oré Anacã não se tratava apenas de um momento de lazer, começou a influenciá-lo a trabalhar diretamente com a dança, fazendo-o ter certeza que queria atuar nessa área, descobrindo uma afinidade com a dança e com os esportes, começando um novo percurso na Educação Física.

Em um segundo momento, Felipe encontrou no Oré Anacã, um local de livre expressão e discussão, um clima agradável com pessoas acolhedoras, pessoas com quem ele criou fortes vínculos e nas quais ele pode contar fora do ambiente dos ensaios. Para ele, que se considera uma pessoa tímida na vida pessoal, o Oré Anacã lhe proporcionou o contato com outras pessoas, um local onde ele poderia ensinar, ajudando a superar a timidez e a insegurança nas relações intra e interpessoais. O grupo também o ensinou a aproveitar o momento, buscando sempre tirar o melhor das oportunidades e buscar dar sempre o seu melhor também. No grupo existem pessoas de vários cursos e bem heterogêneas e que conviver com um grupo assim lhe deu a oportunidade de ouvir mais, buscar observar para entender o outro, agindo da melhor maneira possível com os vários integrantes.

Como bolsista de Cultura e Arte, Felipe tinha como responsabilidade estar presente nos ensaios, acompanhar os novatos auxiliando com as coreografias e ajudar o coordenador em oficinas. Na bolsa do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena”, Felipe teve a oportunidade pela primeira vez de lecionar, criar aulas, viajar e pesquisar em Cuiabá com mais outros dois bolsistas, integrar as danças aprendidas com suas histórias, ver de perto aquelas pessoas que vivem a cultura popular e a fizeram prevalecer durante anos. Um momento muito especial para ele foi o de estar assistindo um grupo popular de Mato Grosso e se emocionar lembrando de sua trajetória dentro do grupo, da sua vontade de participar da bolsa e por ter a oportunidade de vivenciar uma outra cultura no seu lugar de origem.

Ele reforçou a ideia mais importante para ele continuar a participar do Oré Anacã que é a busca pela valorização da cultura brasileira. Antes, ele assistia a algumas danças populares e não fazia ideia que as apresentações iam além da estética, da coreografia, para ele agora essas danças são uma forma de resistir e persistir ao longo dos anos nessa cultura tão rica e pouco valorizada. E cada dança aprendida é uma nova descoberta, é um novo conhecimento, e isso o torna responsável em transmitir para outras pessoas o amor pela cultura popular. Ele falou também que uma das maiores contribuições do Oré Anacã na sua formação profissional é ensinar e mostrar que aquilo que você ensina é verdadeiro para você, tendo prazer e amor naquilo que se faz profissionalmente,

acreditando sempre no potencial do seu aluno e no que ele tem a oferecer, que não seja o ensino apenas por ensinar.

Ele ficou muito triste em ver que alguns colegas de turma não veem a dança como papel fundamental na Educação Física e que esse preconceito é comum quando se trata de profissionais de Educação Física trabalhando com a dança. A dança é um meio de conhecer os limites, de saber o que nós podemos fazer com o nosso corpo. Para ele, o profissional de Educação Física dessa área tem que ser completo e não deve excluir as experiências em outras áreas só porque no futuro ele não pretende trabalhar

Sujeito 8: Gardênia Brito

Gardênia Brito é integrante do grupo Oré Anacã, está cursando Educação Física – Bacharelado e começou a participar do Oré Anacã, em 2011.2, após conseguir uma bolsa de Iniciação Acadêmica vinculando suas atividades da bolsa ao grupo. Ela teve experiências com algumas modalidades da dança como a dança de salão, com a capoeira e com outros projetos vinculados com o curso. Porém, com o Oré Anacã ela teve uma grande conexão, identificando-se com o objeto de estudo trabalhado no grupo.

Para ela o Oré Anacã representa uma segunda família. É o lugar onde se sente acolhida, onde criou fortes laços com os integrantes, um local onde ela sente que pode recorrer em todos os momentos e é um ambiente que a fez sentir segura por ela deter o conhecimento sobre as danças populares e suas tradições, onde ela aprendeu a ensinar e onde ensina aprendendo com os integrantes.

Dentro do grupo ela foi contemplada com três bolsas com objetivos diferentes: com a bolsa de Iniciação Acadêmica (PRAE – Pró-reitoria de Assuntos Estudantis), ela ficava responsável pela a parte burocrática do grupo como algumas documentações necessárias, frequência dos participantes nos ensaios, organização dos dados dos dançarinos, e com a confecção e organização de figurinos. A segunda bolsa que teve, em 2013 e 2014, foi a do programa de extensão - PROEXT “Entre Penas e Contas: a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena”, quando participou da realização de pesquisa em viagens, desenvolvimento de materiais

didáticos e o ensino das danças populares abordadas no programa durante capacitações e oficinas. Segundo a Gardênia, sua identidade como professora foi construída dentro das atividades da bolsa, pois ela viu que era capaz de dar aulas, uma aula interessante e interativa, vendo o resultado positivo dos alunos depois das aulas. E a bolsa de Cultura e Arte, em 2015, a possibilitou retomar seu trabalho com os figurinos, criou um vínculo de ensino-aprendizagem com os novos integrantes do grupo, resultando no seu crescimento profissional devido às experiências adquiridas com o grupo e a construção da sua didática, da sua forma de dar aula.

Sujeito 9: Heitor Fernandes

Heitor Fernandes é integrante do grupo Oré Anacã, é formado em Educação Física - Bacharelado e atualmente está cursando Licenciatura. Conheceu o grupo no 1º Dia do Brincar no qual o Oré Anacã se apresentou, um evento que ocorre no IEFES para crianças que vivem nas redondezas do Instituto no qual elas podem experimentar diversas brincadeiras e jogos ao longo do dia.

O grupo representa para ele uma vida, uma história que seguiu/segue junto com sua formação acadêmica. No seu primeiro ano na universidade ele passou treinando handebol e apenas em seu segundo ano que ele ingressou no Oré Anacã. Para ele foi uma experiência estranha sair do esporte de alto rendimento para a dança, e apesar de já ter experiência com outras modalidades da dança, nunca havia trabalhado com a dança popular e com essa parte voltada para apresentações.

A partir de seu ingresso, em 2011.1, e do contato com a dança popular ele viu a possibilidade de trabalhar com ela em outros locais. Já participou de projetos vinculado ao grupo, como bolsista de extensão, em 2012, no qual trabalhou com dança de salão para a terceira idade, e dando aulas de dança popular para os alunos do Liceu do Ceará no Conjunto Ceará. Em 2013 e 2014 ele teve a bolsa do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena” no qual teve experiências com viagens de pesquisa, capacitações para professores da rede de ensino do estado. O que ficou bastante marcado para ele durante sua experiência com a bolsa do PROEXT foi a intervenção com outra bolsista através

das oficinas na comunidade indígena Jenipapo – Kanindé, em 2015 completam três anos de trabalho neste local. Eles começaram a trabalhar com algumas crianças e elas não possuíam nenhum conhecimento sobre dança popular e durante esse período da bolsa, os bolsistas auxiliaram as crianças a criarem um grupo no qual tem uma independência para ensaiar e os bolsistas acompanham esse processo uma vez por semana indo até a comunidade para auxiliá-los. Em 2015 ele foi contemplado com a bolsa de Cultura e Arte.

Sujeito 10: Igor Gonçalves

Igor Gonçalves é ex-integrante do grupo, é aluno do oitavo semestre do curso de Educação física – Bacharelado e conheceu o Oré Anacã em seu primeiro semestre, em 2011.2, a convite do coordenador Marcos Campos. Porém por já trabalhar com o Street Dance e à princípio não ter muito interesse na área da dança popular, acabou não ingressando. Só ingressou no grupo no final do semestre após um novo convite do coordenador ao ver Igor dançar em um evento do IEFES que na época chamava-se Mostra Rítmica, que atualmente chama-se Mostra Artística, no qual alunos das disciplinas relacionadas à dança e ao ritmo apresentam suas coreografias.

Após seu ingresso, em 2012, Igor foi contemplado com uma bolsa de extensão chamada EducaDance no qual ele dava aulas de Street Dance para alunos e não alunos da universidade. Essa primeira experiência relacionada ao grupo o fez enxergar que todas as práticas, sejam ela esportivas ou relacionadas à dança, podem ser tratadas de formas iguais. Por exemplo, a mesma criatividade que o Igor tinha para criar as aulas de Street Dance, ele poderia aplicá-la na criação de aulas de outras danças.

Em 2013 com a bolsa do programa do PROEXT, ele teve a oportunidade de ir para o Maranhão pesquisar e conhecer profundamente três danças típicas, e de repassar esse conhecimento adquiridos na viagem para as capacitações e oficinas ofertadas. Igor, juntamente com outra bolsista atuaram com as oficinas em uma comunidade quilombola. O processo de ensino-aprendizagem foi aperfeiçoado, para ele, no sentido de se apropriar de uma cultura que não é a sua, imergir em um ambiente que você não conhece e repassar esse conhecimento para outras pessoas. E todo esse processo mexe

com a visão de quem está envolvido e com os sentimentos com relação aquilo que não conhecemos. Ele reforçou que essa mudança de olhar para uma cultura, a conscientização dos valores que damos a determinadas culturas, e buscar não as rotular foi o maior aprendizado que teve dentro do grupo. Porque, para ele, o maior objetivo do grupo é fazer com que os integrantes e o público que os assistem, conheçam e aprendam sobre a cultura brasileira que é pouco difundida, principalmente no meio acadêmico.

A última bolsa que teve no grupo, em 2014, foi a de Cultura e Arte na qual ficou responsável pela parte de criação e arte dos figurinos e de cenários, a parte mais visual do grupo. Com essas experiências que teve no grupo, ele conta que o Oré representa para ele um despertar e um desenvolvimento de qualidades que ele já tinha, mas que ele não sabia que poderia ir além do que ele já manifestava. Para ele o grupo foi mais que dança, foi desenho, foi mudança de visões culturais e sociais, foi emoção, foi família. Como ex-integrante ele representa o Oré Anacã como um ensinamento, pois você parte de um abandono de pré-conceitos para começar a enxergar as coisas pelas pessoas que originalmente as fazem, como os mestres, as pessoas que estão inseridas naquele ambiente, naquela cultura, e reinterpretar tudo o que foi visto e dar significado aos passos, às coreografias e tentar passar para o público que a dança popular transcende o que está sendo visto.

Algo interessante que ele comentou é da sua relação com o Street Dance, que para ele, essa modalidade não era tão vinculada a um significado, ele também não tinha a preocupação de saber o que os passos e as coreografias representavam e dentro do Oré Anacã ele pode perceber a riqueza de informações por trás de cada passo, de cada coreografia, aprendendo a ressignificar cada movimento. Relacionando suas duas práticas, a que ocorria dentro do grupo e a que ocorria com a bolsa de extensão trabalhando com o Street Dance, ele buscava levar esses significados para sua aula, porém não era fácil, pois sua prática até então com o Street Dance era de não pensar, de simplesmente dançar. Dentro do grupo, ele pode perceber esse vínculo estreito entre a dança, a música, a cultura representada, as imagens mentais que os integrantes têm dessa cultura e levar esses significados ao público.

Sujeito 11: Klertianny Teixeira

Klertianny Teixeira, formada em Educação Física – Licenciatura (2013.2) e atualmente cursando o bacharelado, relata que seu interesse ao entrar para o Oré Anacã foi a motivação de conhecer o que o curso de Educação Física tinha a lhe oferecer de práticas, pois à princípio e por um senso comum, a maioria das pessoas relacionam a EF com os esportes e como a Klertianny vinha de uma prática desportiva e nunca havia tido experiência com dança, ela queria o desafio de conhecer a dança, de colocá-la no seu processo de formação na Educação física, de conhecer os seus limites, de se ver como uma pessoa que está aprendendo e irá continuar aprendendo como professora.

O coordenador Marcos Antônio Almeida Campos, no início da trajetória do Oré Anacã, em 2011, abriu uma seleção para os interessados a participação no grupo. Apesar de nunca ter vivido por esse tipo de processo seletivo, Klertianny superou o medo e participou por uma vontade maior de aprender e experimentar algo novo, ainda mais que a dança não é algo tão presente na Educação Física. Ela também ressalta que diversos autores defendem a sua participação na EF, então, segundo Klertianny, “porque eu, querendo ser uma educadora que desenvolve as pessoas integralmente, não posso oportunizar isso? Não é por eu não ter tido uma oportunidade que deixarei de oportunizar as pessoas”.

Ao olhar para esse percurso, desde 2011 até 2015, Klertianny contou que evoluiu muito como pessoa, nos diversos momentos de trabalho em grupo, de apresentações, do cuidado de um com o outro, de busca de materiais sobre a cultura popular, de ajudar na formação individual construindo uma formação coletiva. Um grande passo para ela ocorreu em 2013, com o desdobramento do Oré Anacã com o programa do PROEXT: ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena, no qual os integrantes saíram apenas do papel de dançarinos para o papel de pesquisadores imergindo nas diversas realidades do Brasil para trazer essas descobertas em forma de material para os professores nas capacitações e para os alunos de escolas públicas, comunidades indígenas e quilombolas nas oficinas.

Klertianny separou o Oré Anacã em dois períodos. O primeiro que ocorreu no início da criação do grupo como base, como formação dos dançarinos e o segundo momento do

programa PROEXT que fortaleceu bastante o grupo na relação de compreender profundamente a importância e o amor que diversas pessoas dão para a cultura brasileira, dando o exemplo da sua viagem de pesquisa para o Pará na qual ela conheceu pessoas que vivem dessa cultura e foi para uma festival que existe há mais de 300 anos e que ela não conhecia, que está sendo resgatado pela própria cultura utilizando elementos da contemporaneidade. Dentro do PROEXT, além desse processo de imersão, ocorreu o processo de formação dos bolsistas para estarem aptos a ensinar e a inserção dentro de escolas, comunidades quilombola e indígena Genipapo Kaninde na qual Klertianny foi inserida para dar oficinas de dança popular, participando desse processo lidando com a própria formação, com a formação de formadores e com a formação de pessoas.

Klertianny refletiu que há a necessidade de se perceber nesse processo e de tentar passar para as pessoas o mesmo amor que esses integrantes do grupo têm pela cultura popular. Ela ama a cultura popular, principalmente porque o Oré passou em sua vida. E ela destacou que o Oré Anacã foi a base para a sua inserção em outras atividades como a bolsa do PIBID para ensinar elementos da cultura corporal no ensino médio. Através de seus erros, buscar a motivação para ensinar esses alunos. Como bolsista do PID das disciplinas de Folclore, Formação Rítmica e Dança, ela pode visualizar de outro ponto de vista e agregar os seus conhecimentos da cultura popular na monitoria.

Ela afirmou que é importante que todos possam vivenciar esse tipo de experiência na sua formação acadêmica e saber como é se apresentar, trabalhar em grupo, aprender sobre a cultura popular, pois o grupo construiu uma cultura de que todos podem dançar, que todos juntos são uma família e que todos, independentemente de continuar no Oré ou não, levará essa sementinha da dança por onde for.

Sujeito 12: Lailla Frota

Lailla Frota é integrante do grupo Oré Anacã, é estudante de Educação Física – Bacharelado e conheceu o Oré Anacã em 2011.2, através do Professor Marcos Campos em uma de suas disciplinas, porém só entrou no grupo em 2013.

Em junho de 2013, a Lailla foi contemplada com a bolsa de Cultura e Arte tendo como obrigações definidas, segundo ela, a participação efetiva nos ensaios, apresentações e montagens coreográficas.

O grupo foi uma segunda família para a Lailla, um local onde as pessoas aprendem a lidar com as diferenças uns dos outros. Ela ressalta que o Oré Anacã abriu uma porta em relação à dança que ela nunca imaginou experienciar. Ela ficou bastante impressionada quando viu as possibilidades que a dança popular apresentava tanto para quem já trabalha, como para quem vai se inserir nessa área, pois a dança popular se interliga fortemente com a cultura brasileira e sempre há uma história sobre a representação das danças apresentadas.

Para Lailla, a maior contribuição que ela leva para sua formação profissional é a contextualização das danças, buscar essas histórias e trabalhar com elas dentro do ensino das danças populares, não apenas fazer por fazer, tornando os alunos mais interessados e envolvidos com o objeto de estudo que se trabalha, identificar o que eles podem trazer de contribuição na aprendizagem das danças e principalmente ressaltar que todos estão aptos a trabalhar com a dança popular, uma área que não existe exclusão e sim uma busca pelo o envolvimento de todos.

Sujeito 13: Lara Melo

Lara Melo é integrante do grupo Oré Anacã, faz Educação Física – Bacharelado e conheceu o Oré Anacã através do Coordenador Marcos Antônio Almeida Campos que comentou em suas aulas sobre o grupo e sobre a disponibilidade de vagas para novos integrantes. Ingressou no grupo em 2012.1, porém saiu no final do semestre retornando apenas em 2013 como bolsista de Cultura e Arte, sendo o grupo Oré Anacã seu primeiro contato com a dança.

Para ela, o Oré Anacã pode ser representado por uma palavra: aprendizado. Um dos momentos que ficou marcado para aula durante o ano de 2013, como bolsista, foi de estar próxima a uma integrante que apresentava dificuldade de coordenar os passos das coreografias. A Lara tinha horários específicos com ela para a aprendizagem dessas

coreografias, dando-lhe total atenção para as suas dificuldades, buscando outros recursos de métodos de aprendizagem, treinamento mental para que ela conseguisse visualizar os movimentos. Ao final desse longo processo foi muito gratificante para a Lara ver a evolução dessa integrante nos horários regulares dos ensaios, ressaltando a importância de estímulos específicos para os integrantes e muitas vezes o trabalho personalizado para com aqueles que sentem dificuldade.

Em 2014, a Lara foi contemplada com a bolsa do programa PROEXT: Entre Penas e Contas - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena, tendo a oportunidade de pesquisar em Recife os Caboclinhos, tendo contato direto com um dos maiores grupo de lá o Caboclinhos Sete Flechas, vendo o processo da criação dos figurinos, vendo como é ser Mestre de um grupo tradicional e a importância dessas pesquisas nas criações artísticas do Oré Anacã, nesse ano de 2015 o Oré Anacã criou sua coreografia de Caboclinhos.

Ela ressaltou também que essas contribuições partem também da relação aluno-professor através do contato com o coordenador, da criação de figurinos, da integração dos integrantes dentro da maioria desses processos.

Em 2015.1, Lara e mais outro integrante do grupo estão à frente dos treinos que ocorrem nos ensaios. São treinos de força, flexibilidade e de condicionamento físico para atribuir positivamente na performance dos integrantes nas apresentações. Ela resalta a importância desse processo, pois ela pode vincular o grupo com práticas estritamente vinculadas a Educação Física como o Treinamento Esportivo, podendo colocar em práticas o que se estuda ao longo do curso. Por ser integrante do grupo ela se sente à vontade em trabalhar no grupo, os outros integrantes dão o feedback, se sentem confortáveis em opinar dando subsídios para acompanhar a evolução dos dançarinos.

Sujeito 14: Mariana Freitas

Mariana Freitas é integrante do grupo Oré Anacã e conheceu o grupo em 2011 quando soube que o Coordenador Marcos Campos estaria fazendo uma seleção para quem estivesse interessado a participar do grupo. Mariana e os restante dos inscritos para a

seleção passaram, porém, por ter conseguido uma bolsa no horário dos ensaios, ela acabou saindo do grupo. Após um ano, ela retornou as atividades no grupo. Em 2013 foi contemplada com a bolsa do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena” no qual teve experiências com viagens de pesquisa no qual ela teve a oportunidade de ir para Parintins em Amazonas para pesquisar o Boi-Bumbá, nas capacitações e oficinas ofertadas para professores e alunos da rede pública de ensino. Ela declarou que foi uma experiência muito importante, pois ela aprendeu danças que não conhecia, a como lidar com as pessoas, como ensinar as danças, como melhorar a sua forma de ensino contribuindo positivamente para o seu atual trabalho como professora substituta de ginástica da UFC.

Mariana contou que essas experiências a definiram como pessoa e lhe ajudaram a tomar as decisões que a levaram até a sua posição atual como professora do ensino superior. Pois a princípio ela havia ingressado na Educação Física para trabalhar com vôlei, pois era atleta desta modalidade, e a participação durante sua formação acadêmica em outros projetos relacionados com a ginástica e com a dança abriram novas caminhos para ela criando uma profunda afinidade, buscando a continuidade do trabalho no ensino superior.

Sujeito 15: Patrick Anderson

Patrick Anderson é integrante do grupo Oré Anacã em 2015.1. Estudante do terceiro semestre de licenciatura na UFC. Um fato interessante é que ele já estava na UFC quando conheceu o grupo, mas o contato com danças populares aconteceu no colégio Liceu do Ceará durante um curso de férias no qual um dos professores era o Fabiano Rocha, integrante do Oré Anacã e graduando em Teatro da UFC.

Quando ingressou no grupo, para dançar, o grupo se tornou para ele um centro de amigos, um momento de socialização e um local cheio de alegria. Quanto às contribuições do grupo para a formação profissional, Patrick destaca que pretende trabalhar com danças em escolas e o grupo abriu a possibilidade para ele trabalhar com danças populares nesta área. Segundo ele, a didática do grupo facilita a compreensão

das danças e é absorvida pelos integrantes como forma de ensinar para futuros alunos. Ele pretende utilizar a dança na escola como forma de expressão corporal entre os alunos, para expressão dos sentimentos e socialização.

Sujeito 16: Tailan Ewerk

Tailan Ewerk é integrante do grupo Oré Anacã, aluno do curso de Educação Física – Bacharelado e conheceu o grupo em 2012.2 na semana de recepção de calouros, na qual ele era um dos novatos. Porém ele ingressou em 2013 quando foi acompanhar uma amiga que conseguira uma bolsa no Oré Anacã. Ele acabou se juntando também ao grupo, sendo esse seu primeiro contato com a dança.

Ele dividiu o grupo em dois blocos, em um deles o Oré representa um lazer, um local onde se trabalha a autoestima, a alegria, a felicidade, elevando-as. E o outro bloco é o mais condizente com a atuação da sua área de trabalho, exige uma atuação mais responsável, relacionado com as bolsas.

Como dito anteriormente para ele o grupo era um momento de lazer, um local para livrar-se das energias negativas do dia, de diversão e só em 2014, quando foi contemplado com a bolsa do programa PROEXT: Entre Penas e Contas - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena, foi que ele começou a ver o grupo com outro ponto de vista, com uma característica mais profissional. Durante esse ano ele pode trabalhar com o processo coreográfico, com a pesquisa sobre a dança popular, o processo cultural de cada dança, com a transmissão de conhecimento para outras pessoas.

Essa bolsa do programa PROEXT: Entre Penas e Contas - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena, foi de extrema importância para ele, pois foi seu primeiro contato com a pesquisa in loco e bibliográfica, com alunos tanto nas escolas e na capacitação para professores e apreciadores da cultura popular. Ele teve que estudar, buscar referências para aplicar na prática esses conhecimentos sobre a dança popular. Ele ressaltou também a viagem de pesquisa onde ele foi pra Maceió pesquisar o Coco Alagoano e foi também o seu primeiro contato com um grande festival, no qual

ele ficou quatro dias intensos acompanhando um grupo nos seus ensaios finais e nas finalizações de figurinos, fazendo parte de todo o processo dentro de um festival e adquirindo conhecimento sobre a dança direto da fonte. Tailan relatou também que o grupo traz fortes contribuições para a sua área profissional como a relação aluno-professor, os conceitos de dança que aprendeu desde concepções e montagens coreográficas a uma variedade enorme de danças populares brasileiras. Isso refletiu durante sua atuação como professor nas escolas no qual o objetivo era criar uma coreografia com os alunos, mas não fazer apenas por fazer, buscar relacionar a coreografias com a teoria, fazendo com que eles compreendessem a história por trás da dança.

Em 2015, Tailan passou a ser bolsista de Cultura e Arte e uma de suas funções junto com outra integrante, Lara Melo, foi a de planejar treinos de força, flexibilidade e de condicionamento físico para os integrantes do grupo. Os treinos acontecem no início dos ensaios e duram entre 30 a 40 minutos, buscando trabalhar mais aerobiamente com os integrantes para a melhora da performance durante as apresentações. Ele interligaou esse seu papel no grupo com o seu estágio renumerado no qual ele trabalha com o treinamento físico, aspectos de periodização, grupos musculares a serem trabalhados, os objetivos a serem alcançados fazendo um trabalho bem amplo com o grupo.

Por último, Tailan comentou sobre o trabalho realizado junto com o Gymnarteiros, que é um projeto de extensão voltado para a ginástica para todos que também ocorre no IEFES, e relata como a ginástica e as danças populares influenciaram seu tema para o TCC. Ele buscou relacionar tanto os aspectos coreográficos, cênicos, musicais, de figurinos e culturais das coreografias de ginástica que o Brasil irá levar para o evento Gymnaestrada que acontecerá em julho de 2015 na Finlândia e também como esses fatores irão implicar nos expectatores, que Brasil é esse que eles irão assistir e conhecer.

3.2. Redução das descrições: levantamento das unidades de significados e categorizações das unidades.

Os depoimentos não foram descritos iguais aos originais, mas foram descritos a partir do processo de compreensão do entrevistador diante das falas do entrevistado. A partir destes depoimentos foram realizadas as reduções dos discursos, no qual há uma criação de uma forma ou padrão, em que o observador e o sujeito são os pontos focais da descrição ocorrendo a tematização dos dados da descrição que acontece quando o pesquisador identifica no discurso do sujeito os pontos significativos, ou seja, o que chamamos de unidades de significado.

1) A possibilidade de trabalhar com a dança.

Sujeito 1: Alana Freitas – unidade 1: *“Entrar para o Oré Anacã deu a certeza de que ela realmente quer trabalhar com a dança”.*

Sujeito 2: André Cyrino – unidade 2: *“Participar do grupo não o fez especializado em dança, mas lhe deu segurança para trabalhar com ela”.*

Sujeito 2: André Cyrino – unidade 3: *“Para ele que lida com a dança como um dos elementos e não o elemento central do seu trabalho, foi incrível a experiência no Oré Anacã”.*

Sujeito 2: André Cyrino – unidade 4: *“Um dos trabalhos mais importantes dentro do grupo, foi de os integrantes se sentirem capazes de dançar e de trabalhar com a dança”.*

Sujeito 6: Fabrício Leomar – unidade 5: *“Sentiu-se bem acolhido pelo grupo e pela proposta do grupo de receber pessoas com ou sem experiências em dança para que esse processo tornasse parte da sua formação para que no futuro os integrantes estivessem aptos a trabalhar nesta área”.*

Sujeito 6: Fabrício Leomar – unidade 6: *“Ele consegue ver claramente a relação dessa experiência no grupo com a sua futura área de atuação, a escola. De poder trabalhar com mais esse recurso que lhe foi proporcionado”.*

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 7: *“Essa nova experiência no Oré Anacã não se tratava apenas de um momento de lazer, ela começou a influenciá-lo a trabalhar diretamente com a dança, fazendo-o ter certeza que queria atuar nessa área, começando um novo percurso na Educação Física”.*

Sujeito 9: Heitor Fernandes – unidade 8: *“Do contato com a dança popular ele viu a possibilidade de trabalhar com ela em outros locais”.*

Sujeito 14: Mariana Freitas – unidade 9: *“A participação durante sua formação acadêmica em outros projetos relacionados com a ginástica e com a dança abriram novas caminhos para ela criando uma profunda afinidade, buscando a continuidade do trabalho no ensino superior”.*

Sujeito 15: Patrick Anderson – unidade 10: *“Patrick destaca que pretende trabalhar com danças em escolas e o grupo abriu a possibilidade para ele trabalhar com danças populares nesta área”.*

2) Ressignificação e valorização da cultura brasileira através da dança popular.

Sujeito 1: Alana Freitas – unidade 11: *“O grupo lhe proporcionou uma nova visão sobre o que é cultura, principalmente vinculado com a dança, pois a cultura interliga todos os processos da criação da coreografia, principalmente na dança popular”.*

Sujeito 1: Alana Freitas – unidade 12: *“Quem trabalha com a dança popular se envolve profundamente com esse trabalho de pesquisa, de entender a cultura do outro, de buscar referências, de ir ao local de origem da dança e saber como tudo aconteceu, de entender a história de determinada dança e fazer com que os outros entendam esse processo”.*

Sujeito 4: Beatriz Leão – unidade 13: *“Para ela, o grupo foi um “encontro” dentro da Educação Física. O balé tinha um vínculo mais técnico, de perfeição, de execução. A dança popular pela sua representação na história brasileira, por ser vinculada diretamente as nossas raízes, de onde nós viemos, despertou na Beatriz um vínculo mais afetivo”.*

Sujeito 5: Emanuel Cavalcante – unidade 14: *“A cultura popular conseguiu reunir grupos do Brasil inteiro com características peculiares de cada região com o mesmo sentimento de amor pela cultura popular, compartilhando experiências, vivências, amizades que modificam esses corpos folclóricos e culturais”.*

Sujeito 6: Fabrício Leomar – unidade 15: *“Essa nova experiência também abriu novas possibilidades de ver a dança, não apenas como um espetáculo, mas como ela faz mover as pessoas que assistem, tanto sentindo e observando que aquilo que o grupo dança, faz parte da cultura brasileira que muitas vezes é esquecida”.*

Sujeito 6: Fabrício Leomar – unidade 16: *“Nessas viagens, os grupos davam oficinas uns para os outros para compartilhar a realidade da dança nesses outros locais, viver a dança a partir dos grupos que vivem fortemente nessas culturas, tendo uma experiência mais ampla, passando por essas vivências externas. Segundo ele, o Brasil é diverso em cultura, então é preciso ter essa troca, é preciso que a cultura popular converse com ela mesma”.*

Sujeito 7: Felipe Souza - unidade 17: *“Antes, ele assistia a algumas danças populares e não fazia ideia que as apresentações iam além da estética, da coreografia, para ele agora essas danças são uma forma de resistir e persistir ao longo dos anos nessa cultura tão rica e pouco valorizada”.*

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 18: *“A ideia mais importante para ele continuar a participar do Oré Anacã que é a busca pela valorização da cultura brasileira”.*

Sujeito 10: Igor Gonçalves – unidade 19: *“O processo de ensino-aprendizagem foi aperfeiçoado, para ele, no sentido de se apropriar de uma cultura que não é a sua, imergir em um ambiente que você não conhece e repassar esse conhecimento para outras pessoas. E todo esse processo mexe com a visão de quem está envolvido e com os sentimentos com relação aquilo que não conhecemos. Ele reforça que essa mudança de olhar para uma cultura, a conscientização dos valores que damos a determinadas culturas, e buscar não as rotular foi o maior aprendizado que teve dentro do grupo”.*

Sujeito10: Igor Gonçalves – unidade 20: *“Porque, para ele, o maior objetivo do grupo é fazer com que os integrantes e o público que os assistem, conheçam e*

aprendam sobre a cultura brasileira que é pouco difundida, principalmente no meio acadêmico”.

Sujeito 10: Igor Gonçalves– unidade 21: *“Ele representa o Oré Anacã como um ensinamento, pois você parte de um abandono de pré-conceitos para começar a enxergar as coisas pelas pessoas que originalmente as fazem, como os mestres, as pessoas que estão inseridas naquele ambiente, naquela cultura, e reinterpretar tudo o que foi visto e dar significado aos passos, às coreografias e tentar passar para o público que a dança popular transcende o que está sendo visto”.*

Sujeito10: Igor Gonçalves – unidade 22: *“Dentro do grupo, ele pode perceber esse vínculo estreito entre a dança, a música, a cultura representada, as imagens mentais que os integrantes têm dessa cultura e levar esses significados ao público”.*

Sujeito12: Lailla Frota – unidade 23: *“Viu as possibilidades que a dança popular apresentava tanto para quem já trabalha, como para quem vai se inserir nessa área, pois a dança popular se interliga fortemente com a cultura brasileira e sempre há uma história sobre a representação das danças apresentadas”.*

Sujeito 12: Lailla Frota – unidade 24: *“A maior contribuição que ela leva para sua formação profissional é a contextualização das danças, buscar essas histórias e trabalhar com elas dentro do ensino das danças populares”.*

3) Conceitos musicais e coreográficos aprendidos no grupo.

Sujeito 1 – Alana Freitas – unidade 25: *“O grupo a ajudou bastante nesse processo de entender o tempo da música, de aprimorar o ritmo, de criação de coreografias e de trabalhar em equipe”.*

Sujeito 5: Emanuel Cavalcante – unidade 26: *“E a dança popular vai de encontro com essas modalidades, é uma área livre, que busca o ser brincante em suas inúmeras possibilidades de gestualidades, mas que também tem suas técnicas, que não são tão fechadas, e sua estética. Na dança popular não existe forma exata ou uma pré-*

disposição metódica a ser trabalhada, existem várias verdades e várias corpos múltiplos e diversos compartilhando um conhecimento”.

Sujeito 16 – Tailan Ewerk – unidade 27: *“Os conceitos de dança que aprendeu desde concepções e montagens coreográficas a uma variedade enorme de danças populares brasileiras”.*

4) Aumento da confiança, autoestima e autonomia para aproveitar as oportunidades.

Sujeito 2: André Cyrino – unidade 28: *“A relação com o grupo, com a dança, foi/é uma relação corporal consigo mesmo, porque a dança é um local de apresentação e exposição de si. Para aqueles que não têm uma liberdade completa do corpo, acabaram aprendendo, de certa forma, dentro do Oré Anacã, nas danças com pouca roupa como as danças indígenas ou até com outros figurinos, que colocar o seu corpo, o movimento para o julgamento de outros olhos acaba se tornando um momento de libertação”.*

Sujeito 6 – Fabrício Leomar – unidade 29: *“Para ele no início foi o medo de se apresentar no palco, porém era um medo que não paralisava, mas que motivava pois também existiam várias pessoas com ele na mesma situação no qual era perceptível essa vontade de fazer, de apresentar essa ‘nossa dança’”.*

Sujeito 6: Fabrício Leomar: unidade 30: *“Com a dança ele passou a se sentir mais motivado, mais presente com ele mesmo, dançando pela vontade de sentir a dança, se sentindo mais aberto as possibilidades e mais confiante”.*

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 31: *“O Oré Anacã lhe proporcionou o contato com outras pessoas, um local onde ele poderia ensinar, ajudando a superar a timidez e a insegurança nas relações intra e interpessoais. Ensinou a aproveitar o momento, buscando sempre tirar o melhor das oportunidades e buscar dar sempre o seu melhor também”.*

Sujeito 8: Gardênia Brito – unidade 32: *“É um ambiente que a fez sentir segura por ela deter o conhecimento sobre as danças populares e suas tradições, onde ela aprendeu a ensinar e onde ensina aprendendo com os integrantes”.*

Sujeito 16: Tailan Ewerk – unidade 33: *“Para ele o grupo representa um lazer, um local onde se trabalha a autoestima, a alegria, a felicidade, elevando-as”.*

5) O Oré Anacã como ambiente familiar e o vínculo entre os integrantes.

Sujeito 2 – André Cyrino – unidade 34: *“Durante muito tempo o Oré Anacã foi para ele um ambiente semelhante ao ambiente familiar, onde ele encontrava seus amigos, seus afetos, algo que ajudou muito no começo no processo, por outro lado a dança o contagiou aos poucos, modificando seu corpo”.*

Sujeito 3: Andréia Rocha – unidade 35: *“Oré lhe proporciona diversos momentos de alegria, criando um vínculo forte de família dentro do grupo, possibilitando para ela uma nova visão da Educação Física”.*

Sujeito 4: Beatriz Leão – unidade 36: *“Outro bom desdobramento por participar do grupo foram as amizades, num ambiente agradável e divertido que criou laços estreitos entre os integrantes”.*

Sujeito 5: Emanuel Cavalcante – unidade 37: *“Entrar no Oré Anacã ajudou nesse processo e ele considera o grupo uma segunda família. O grupo o acolheu e durante esses anos de participação, ele criou fortes vínculos com os integrantes, que participaram da sua evolução tanto como dançarino e como pessoa”.*

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 38: *“No seu início no grupo, criando vínculos com os integrantes, se envolvendo com a dança, ele percebeu o leque de possibilidades que o grupo estava lhe oferecendo”.*

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 39: *“Felipe encontrou no Oré Anacã, um local de livre expressão e discussão, um clima agradável com pessoas acolhedoras, pessoas com quem ele criou fortes vínculos e nas quais ele pode contar fora do ambiente dos ensaios”.*

Sujeito 8: Gardênia Brito – unidade 40: *“Para ela o Oré Anacã representa uma segunda família. É o lugar onde se sente acolhida, onde criou fortes laços com os integrantes, um local onde ela sente que pode recorrer em todos os momentos”.*

Sujeito 10: Igor Gonçalves – unidade 41: *“Para ele o grupo foi mais que dança, foi desenho, foi mudança de visões culturais e sociais, foi emoção, foi família”.*

Sujeito 11: Klertianny Teixeira – unidade 42 *“O Oré Anacã construiu uma cultura de que todos podem dançar, que todos juntos são uma família e que todos, independentemente de continuar no Oré ou não, levará essa sementinha da dança por onde for”.*

Sujeito 12: Lailla Frota – unidade 43: *“O Oré Anacã foi uma segunda família para a Lailla, um local onde as pessoas aprendem a lidar com as diferenças uns dos outros”.*

Sujeito 15: Patrick Anderson – unidade 44: *“O Oré Anacã se tornou para ele um centro de amigos, um momento de socialização e um local cheio de alegria”.*

6) Relacionando o Oré Anacã com outras atividades, vinculando-as ao grupo.

Sujeito 4 – Beatriz Leão – unidade 45: *“Seu TCC também abordou o trabalho de Beatriz juntamente com outra bolsista, Gardênia, no processo das oficinas em sua escola de atuação, desde os ensaios, confecção de figurinos e apresentações. Em 2015 ela foi contemplada com a bolsa de Cultura e Arte”.*

Sujeito 5: Emanuel Cavalcante – unidade 46: *“Emanuel também relata que teve, paralelamente, uma grande experiência em com a bolsa na área da dança e na área da ginástica, na qual é uma área que ele aprecia pois trabalha com o treinamento, com a destreza corporal, e para ele trazer esses ensinamentos para a área da dança foi bastante significativo pois o orientaram sobre como atuar na formação de uma pessoa”.*

Sujeito 6: Fabrício Leomar – unidade 47: *“O grupo foi um caminho para ele se interessar em fazer a disciplina optativa de dança, conhecer e dançar outras modalidades, praticando atualmente dança de salão no IFCE”.*

Sujeito 6: Fabrício Leomar – unidade 48: *“Seus sobrinhos descobriram que ele dançava, e por gostarem muito de dançar, então Fabrício começou a ensinar as danças do Oré Anacã para eles, já pensando nessa perspectiva de ser professor e foi uma experiência muito boa, pois eles começaram a criar passos, criando novas coreografias”.*

Sujeito 9: Heitor Fernandes – unidade 49: *“Já participou de projetos vinculado ao grupo, como bolsista de extensão, em 2012, no qual trabalhou com dança de salão para a terceira idade, e dando aulas de dança popular para os alunos do Liceu do Ceará no Conjunto Ceará”.*

Sujeito 10: Igor Gonçalves – unidade 50: *“Foi contemplado com uma bolsa de extensão chamada EducaDance no qual ele dava aulas de Street Dance para alunos e não alunos da universidade. Essa primeira experiência relacionada ao grupo o fez enxergar que todas as práticas, sejam elas esportivas ou relacionadas a dança, podem ser tratadas de formas iguais”.*

Sujeito 11: Klertianny Teixeira – unidade 51: *“Ela destaca que o grupo foi a base para a sua inserção em outras atividades como a bolsa do PIBID para ensinar elementos da cultura corporal no ensino médio”.*

Sujeito 13: Lara Melo – unidade 52: *“Ela ressalta a importância desse processo, pois ela pode vincular o grupo com práticas estritamente vinculadas à Educação Física como o Treinamento Esportivo, podendo colocar em práticas o que se estuda ao longo do curso. Por ser integrante do grupo ela se sente à vontade em trabalhar no grupo, os outros integrantes dão o feedback, se sentem confortáveis em opinar dando subsídios para acompanhar a evolução dos dançarinos”.*

Sujeito 16: Tailan Ewerk – unidade 53: *“Ele interliga esse seu papel no grupo com o seu estágio renumerado no qual ele trabalha com o treinamento físico, aspectos de*

periodização, grupos musculares a serem trabalhados, os objetivos a serem alcançados fazendo um trabalho bem amplo com o grupo”.

Sujeito 16: Tailan Ewerk – unidade 54: *“A ginástica e as danças populares influenciaram seu tema para o TCC. Ele buscou relacionar tanto os aspectos coreográficos, cênicos, musicais, de figurinos e culturais das coreografias de ginástica que o Brasil irá levar para o evento Gymnaestrada que acontecerá em julho de 2015 na Finlândia e também como esses fatores irão implicar nos expectadores, que Brasil é esse que eles irão assistir e conhecer”.*

7) Relação ensino-aprendizagem e métodos de ensino.

Sujeito 3: Andréia Rocha – unidade 55: *“Para ela está sendo uma experiência incrível poder atuar no grupo tanto como bolsista nessa área burocrática, tanto como dançarina aprendendo novas formas de ensinar, novas maneiras de englobar a dança popular na sua área de atuação, trabalhar de uma forma mais dinâmica e divertida com os alunos independente do assunto, a lidar e conviver com as pessoas. ”*

Sujeito 8: Gardênia Brito – unidade 56: *“Segundo a Gardênia, sua identidade como professora foi construída dentro das atividades da bolsa, pois ela viu que era capaz de dar aulas, uma aula interessante e interativa, vendo o resultado positivo dos alunos depois das aulas.”*

Sujeito 13: Lara Melo – unidade 57: *“A Lara tinha horários específicos com ela para a aprendizagem dessas coreografias, dando-lhe total atenção para as suas dificuldades, buscando outros recursos de métodos de aprendizagem, treinamento mental para que ela conseguisse visualizar os movimentos. Ao final desse longo processo foi muito gratificante para a Lara ver a evolução dessa integrante nos horários regulares dos ensaios, ressaltante a importância de estímulos específicos para os integrantes e muitas vezes o trabalho personalizado para com aqueles que sentem dificuldade. ”*

Sujeito 13: Lara Melo – unidade 58: *“Ela ressalta também que essas contribuições partem também da relação aluno-professor através do contato com o coordenador, da*

criação de figurinos, da integração dos integrantes dentro da maioria desses processos”.

Sujeito 15: Patrick Anderson – unidade 59: *“Segundo ele, a didática do grupo facilita a compreensão das danças e é absorvida pelos integrantes como forma de ensinar para futuros alunos”.*

Sujeito 16: Tailan Ewerk – unidade 60: *“Tailan relata também que o grupo traz fortes contribuições para a sua área profissional como a relação aluno-professor”.*

8) Ensinar verdadeiramente, com prazer e amor, acreditando no que ensina.

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 61: *“Ele fala que uma das maiores contribuições do Oré Anacã na sua formação profissional é ensinar e mostrar que aquilo que você ensina é verdadeiro para você, tendo prazer e amor naquilo que se faz profissionalmente, acreditando sempre no potencial do seu aluno e no que ele tem a oferecer, que não seja o ensino apenas por ensinar”.*

Sujeito 11: Klertianny Teixeira – unidade 62: *“Klertianny reflete que há a necessidade de se perceber nesse processo e de tentar passar para as pessoas o mesmo amor que esses integrantes do grupo têm pela cultura popular. Ela ama a cultura popular, principalmente porque o Oré Anacã passou em sua vida”.*

Sujeito 12: Lailla Frota – unidade 63: *“Não apenas fazer por fazer, tornando os alunos mais interessados e envolvidos com o objeto de estudo que se trabalha, identificar o que eles podem trazer de contribuição na aprendizagem das danças e principalmente ressaltar que todos estão aptos a trabalhar com a dança popular, uma área que não existe exclusão e sim uma busca pelo o envolvimento de todos”.*

Sujeito 16: Tailan Ewerk – unidade 64: *“Isso refletiu durante sua atuação como professor nas escolas no qual o objetivo era criar uma coreografia com os alunos, mas não fazer apenas por fazer, buscar relacionar a coreografias com a teoria, fazendo com que eles compreendessem a história por trás da dança”.*

9) Aprimorar qualidades dos integrantes

Sujeito 10: Igor Gonçalves – unidade 65: *“Ele conta que o grupo representa para ele um despertar e um desenvolvimento de qualidades que ele já tinha, mas que ele não sabia que poderia ir além do que ele já manifestava”.*

10) Participação na bolsa do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena”: vinculando ensino, pesquisa e extensão.

Sujeito 2: André Cyrino – unidade 66: *“Aquela deveria ter sido a primeira vez, de muitas pessoas de passarem um pouco do que sabia para outras pessoas, o acesso do conhecimento tornou-se mais amplo com as viagens, pesquisas e estudos por conta própria para o processo e criação das aulas das capacitações e oficinas ofertadas”.*

Sujeito 4: Beatriz Leão – unidade 67: *“Ela comenta que essa experiência foi incrível para ela porque ela pode pesquisar in loco em viagens, conhecer a dança na sua essência, conversar com os mestres que tentam manter a cultura popular viva entre as gerações e pode ter o contato direto com a docência durante a capacitação e as oficinas, transmitindo aquilo que aprendeu nas pesquisas para os alunos, trabalhando com diversas faixas etárias”.*

Sujeito 5: Emanuel Cavalcante – unidade 68: *“Foi uma grande experiência o contato com as pesquisas, oficinas, que apesar de alguns problemas para inserir essas aulas nas escolas públicas, o aprendizado foi bastante válido, e a capacitação contribuiu para o entendimento dessa formação em dança e cultura popular, da cultura corporal a partir da dança, de como dar uma aula, tanto para os bolsistas responsáveis pelas aulas, tanto para os alunos da capacitação”.*

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 69: *“ Teve a oportunidade pela primeira vez de lecionar, criar aulas, viajar e pesquisar em Cuiabá com mais outros dois bolsistas, integrar as danças aprendidas com suas histórias, ver de perto aquelas pessoas que vivem a cultura popular e a fizeram prevalecer durante anos”.*

Sujeito 8: Gardênia Brito – unidade 70: *“Quando participou da realização de pesquisa em viagens, desenvolvimento de materiais didáticos e o ensino das danças populares abordadas no programa durante capacitações e oficinas”.*

Sujeito 9: Heitor Fernandes – unidade 71: *“Teve experiências com viagens de pesquisa, capacitações para professores da rede de ensino do estado. O que ficou bastante marcado para ele foi a intervenção com oficinas na comunidade indígena Jenipapo-Kanindé”.*

Sujeito 10: Igor Gonçalves – unidade 72: *“Ele teve a oportunidade de ir para o Maranhão pesquisar e conhecer profundamente três danças típicas, e de repassar esse conhecimento adquiridos na viagem para as capacitações e oficinas ofertadas. Igor, juntamente com outrabolsista, atuaram com as oficinas em uma comunidade quilombola”.*

Sujeito 11: Klertianny Teixeira – unidade 73: *“Os integrantes saíram apenas do papel de dançarinos para o papel de pesquisadores imergindo nas diversas realidades do Brasil para trazer essas descobertas em forma de material para os professores nas capacitações e para os alunos de escolas públicas, comunidades indígenas e quilombolas nas oficinas. Fortaleceu bastante o grupo na relação de compreender profundamente a importância e o amor que diversas pessoas dão para a cultura brasileira”.*

Sujeito 13: Lara Melo – unidade 74: *“Tendo a oportunidade de pesquisar em Recife os Caboclinhos, tendo contato direto com um dos maiores grupos de lá o Caboclinhos Sete Flechas, vendo o processo da criação dos figurinos, vendo como é ser Mestre de um grupo tradicional e a importância dessas pesquisas nas criações artísticas do Oré Anacã”.*

Sujeito 14: Mariana Freitas – unidade 75: *“Ela declara que foi uma experiência muito importante, pois ela aprendeu danças que não conhecia, a como lidar com as pessoas, como ensinar as danças, como melhorar a sua forma de ensino contribuindo positivamente para o seu atual trabalho como professora substituta de ginástica da UFC”.*

Sujeito 16: Tailan Ewerk – unidade 76: *“Foi de extrema importância para ele, pois foi seu primeiro contato com a pesquisa in loco e bibliográfica, com alunos tanto nas escolas e na capacitação para professores e apreciadores da cultura popular. Ele teve que estudar, buscar referências para aplicar na prática esses conhecimentos sobre a dança popular”.*

11) Participação na bolsa de cultura e arte: as atividades feitas no grupo.

Sujeito 1: Alana Freitas – unidade 77: *“Foi contemplada com a bolsa de Cultura e Arte no segundo semestre de 2014 e em 2015, e para ela é uma grande experiência estar mais próxima do processo coreográfico e montagem dos figurinos”.*

Sujeito 1: Alana Freitas – unidade 78: *“O trabalho em equipe dentro do grupo é importante na sua formação profissional, tanto da coreografia em si, na hora da dança, em que o grupo precisa estar em harmonia para concretizar a dança, tanto do comprometimento de ir aos ensaios, de auxiliar os outros e de fazer parte do processo de criação coreográfica”.*

Sujeito 7: Felipe Souza – unidade 79: *“Como bolsista de Cultura e Arte, Felipe tinha como responsabilidade estar presente nos ensaios, acompanhar os novatos auxiliando com as coreografias e ajudar o coordenador em oficinas”.*

Sujeito 8: Gardênia Brito – unidade 80: *“E a bolsa de Cultura e Arte, em 2015, a possibilitou retomar seu trabalho com os figurinos”.*

Sujeito 10: Igor Gonçalves – unidade 81: *“A última bolsa que teve no grupo, em 2014, foi a de Cultura e Arte na qual ficou responsável pela parte de criação e arte dos figurinos e de cenários, a parte mais visual do grupo”.*

Sujeito 16: Tailan Ewerk – unidade 82: *“Passou a ser bolsista de Cultura e Arte e uma de suas funções junto com outra integrante, Lara Melo, foi a de planejar treinos de força, flexibilidade e de condicionamento físico para os integrantes do grupo”.*

12) Participação da bolsa de iniciação acadêmica.

Sujeito 3: Andreia Rocha – unidade 83: *“Lidar com a parte burocrática do grupo como frequência dos integrantes, catalogação dos dados pessoais dos bolsistas e integrantes, auxílio durante as apresentações com o figurino e maquiagem”.*

Sujeito 8 – Gardênia Brito – unidade 84: *“Com a bolsa de Iniciação Acadêmica (PRAE), ela ficava responsável pela a parte burocrática do grupo como algumas documentações necessárias, frequência dos participantes nos ensaios, organização dos dados dos dançarinos, e com a confecção e organização de figurinos”.*

Em síntese, foram elencadas 84 unidades de significado e a partir destas definiu-se 12 categorias dos discursos dos sujeitos:

- 1) A possibilidade de trabalhar com a dança.
- 2) Ressignificação e valorização da cultura brasileira através da dança popular.
- 3) Conceitos musicais e coreográficos aprendidos no grupo.
- 4) Aumento da confiança, autoestima e autonomia para aproveitar as oportunidades.
- 5) O Oré Anacã como ambiente familiar e o vínculo entre os integrantes.
- 6) Relacionando o Oré com outras atividades, vinculando-as ao grupo.
- 7) Relação ensino-aprendizagem e métodos de ensino.
- 8) Ensinar verdadeiramente, com prazer e amor, acreditando no que ensina.
- 9) Aprimorar qualidades que já existiam nos integrantes.
- 10) Participação na bolsa do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS – a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena: vinculando ensino, pesquisa e extensão.
- 11) Participação na bolsa de cultura e arte: as atividades feitas no grupo.
- 12) Participação da bolsa de iniciação acadêmica.

3.3 Resultados

1) A possibilidade de trabalhar com a dança.

O grupo foi de fundamental importância na formação dos entrevistados para o desenvolvimento de um futuro trabalho com a dança popular. Alguns, já apresentavam experiências em outras modalidades e o contato com a dança popular fez com que eles criassem novos vínculos com as modalidades que já participavam, surgindo novos significados para suas atuações tanto como dançarinos, como professores. Outro não tinha experimentado qualquer tipo de dança e isso os inquietava. Era visível a necessidade de conhecimento mínimo em dança que os fariam se sentir seguros em suas futuras atuações como profissionais de Educação Física. É comum ver a deficiência em alguma disciplina no curso de Educação Física, muitas vezes uma disciplina não é suficiente para deixar o aluno seguro para atuar nessa área. Aqueles que não tiveram experiências anteriores encontraram essa segurança no Oré Anacã. O grupo, junto com o curso de Educação Física, prepara o aluno para uma futura atuação em dança.

Alguns dos entrevistados relataram que pretendem não apenas trabalhar com a cultura popular dentro de escolas públicas, mas buscarão levar outras modalidades de danças para que os alunos entendam a importância das práticas artísticas para a sociedade e as valorizem. Outros falaram que não tinham pensado em trabalhar com a dança, que entraram na Educação Física para trabalhar com outra área e que ao passar pelo Oré Anacã mudaram suas perspectivas e se apaixonaram pela cultura popular, inserindo futuramente a dança na sua atuação profissional.

Dentro do grupo foi possível aprender sobre a cultura popular relacionando teoria e prática, conceitos musicais e coreográficos, criando uma vontade em alguns de trabalhar dentro própria modalidade da dança popular. O objetivo principal do grupo é a formação artística dos integrantes na dança popular com o intuito de contribuir para sua formação acadêmica e profissional.

2) Ressignificação e valorização da cultura brasileira através da dança popular.

A cultura popular brasileira não é valorizada. Esse fato é confirmado através da falta de recurso no ensino dessas culturas nas escolas, culminando na falta de conhecimento ou interesse das pessoas na cultura popular brasileira, considerando apenas aquelas tradições que ainda persistem no tempo, como, por exemplo, as quadrilhas juninas. Isso não é uma situação diferente nas universidades públicas, os recursos também são poucos para essa área.

Com a criação do Grupo Oré Anacã em 2011, a universidade ganhou um novo meio de buscar pessoas realmente interessadas com a dança popular, pois o grupo é aberto a todos os cursos da UFC. A maioria das integrantes e ex-integrantes do grupo não tiveram um contato anterior com a dança popular e com essa imersão no grupo, eles começaram a ver com outros olhos essa arte tão esquecida. Muitos assistiam as danças populares em festivais e não faziam ideia do que existiam por trás da coreografia, da estética. Como a dança popular é uma manifestação de livre expressão que interliga dança, música e história do povo brasileiro, é muito difícil não se apaixonar por ela, sentindo a necessidade de levar essa cultura além dos muros da universidade.

Quem trabalha com a cultura popular se envolve profundamente nesse processo de pesquisa, de ir ao local de origem de cada dança, de tentar entender esse processo musical e coreográfico. Principalmente, levará consigo essa paixão pela dança popular, encontrando possibilidades de trabalhar com ela, buscando sua valorização.

3) Conceitos musicais e coreográficos aprendidos no grupo.

O grupo além de trabalhar com a dança popular em sua essência, também vincula os conceitos musicais e coreográficos durante a criação das coreografias. É necessário ensinar esses conceitos porque muitos dos integrantes não são da Educação Física e, por vezes, os que são não tiveram ainda a disciplina de dança, sendo imprescindível essa contextualização.

Alguns dos entrevistados relatam que o aprimoramento do ritmo, os conceitos musicais e coreográficos aprendidos foram de extrema importância para a atuação fora do grupo, pois esses conhecimentos, apesar de muitos dos integrantes não trabalhar diretamente com a cultura popular fora do grupo, são necessários para outras áreas, como nos esportes, nas ginásticas e nas lutas.

4) Aumento da confiança, autoestima e autonomia para aproveitar as oportunidades.

Para muitos integrantes, o Oré Anacã vai além de um grupo de dança. Muitos dos entrevistados relataram que puderam trabalhar algumas características psicossociais. Eles relataram que ao longo do seu percurso, a partir da prática intensa das danças e percebendo suas evoluções, começaram a se sentir mais confiantes, aumentando a autoestima, se empenhando cada vez mais. O grupo, apesar de ter um coordenador a frente, sempre tenta tomar decisões com o consentimento de todos. Os bolsistas aprendem também a trabalhar essa autonomia quando o coordenador não estava presente e, assim, precisavam tomar algumas decisões durante ensaios e apresentações.

Alguns relataram que, por não ter experiência se apresentando em um palco, sentiam-se receosos, um pouco envergonhados. Mas a dança é uma relação consigo mesmo, é uma forma de se expressar corporalmente e de conhecer os seus limites. Ao entender esse processo e deixar-se levar pelas oportunidades, essa apresentação e exposição da dança, de si, se torna uma libertação de pré-conceitos e medos. A partir do momento que os integrantes interagem com outros corpos e com uma plateia, eles crescem como pessoa e compreendem todo o contexto dos ensaios árduos e dos treinamentos, pois a recompensa pelo trabalho feito os modificam e os fazem sentir que valeu a pena passar por todo o processo.

5) O Oré Anacã como ambiente familiar e o vínculo entre os integrantes.

Os ensaios do Oré Anacã ocorrem três vezes por semana com duração de três horas por ensaio. Por ser despendido de bastante tempo para as atividades do grupo, o Oré Anacã é considerada, muitas vezes, uma segunda família para os integrantes, um ambiente acolhedor, fazendo com que os vínculos entre os integrantes se tornem cada vez maiores, indo além dos momentos dos ensaios. Assim a união do grupo e a harmonia entre as coreografias é fortalecido, nas quais precisam de confiança e, às vezes, contato físico entre os integrantes nas coreografias de casais.

Alguns entrevistados relatam que essa união é bastante significativa, pois o grupo é bastante heterogêneo e ao lidar com diversas pessoas, os integrantes passam a observar mais o outro, a entender a personalidade de cada um, seus processos de aprendizagem e suas singularidades.

6) Relacionando o Oré Anacã com outras atividades, vinculando-as ao grupo.

Quando se fala em relacionar outras atividades com o Oré Anacã, falamos de experiência que alguns integrantes tiveram após sua entrada no grupo e por fazerem parte do grupo, sentirem a necessidade de experimentar outras atividades que contribuiriam positivamente na sua atuação com a dança popular.

Alguns entrevistados relataram a importância de buscar outras modalidades de dança, como a dança de salão e a dança contemporânea. Outros buscaram relacionar suas experiências dentro do grupo nos seus trabalhos de conclusão de curso, buscando apontar a importância da dança popular na Educação Física. Outros sentiram a necessidade de trabalhar a dança popular em outra perspectiva, com alunos em escolas públicas e com a bolsa PID (Programa de Iniciação à Docência), trabalhando sua formação acadêmica e profissional dentro das disciplinas de Dança, Danças Tradicionais Populares e Formação Rítmica em Educação Física. Através do Oré Anacã, alguns dos entrevistados sentiram vontade de conhecer mais a dança, matriculando-se em disciplinas optativas. Os entrevistados passaram a ensinar outras danças, como dança de salão para idosos e o street dance para alunos da UFC, levando em consideração o que aprenderam no Oré Anacã na relação com os seus alunos. O

próprio convívio com a família, que é expectadora e apreciadora da cultura popular, que indiretamente aprende a valorizar e entender o que é a cultura popular. E as atividades dos próprios bolsistas de cultura e arte que trazem o conhecimento que tem, sendo da EF ou não, para compartilhar com os outros integrantes.

Dois bolsistas de cultura e arte estão responsáveis pelos treinamentos do grupo, eles relataram que está sendo uma experiência muito gratificante, pois eles podem relacionar a dança com o que aprenderam em outras disciplinas do curso de Educação Física e com os estágios que fazem na área de treinamento, buscando melhorar o condicionamento físico dos integrantes, planejando os treinos, determinando os objetivos e traçando metas. Um bolsista de cultura e arte que é do curso de Teatro trouxe para o grupo técnicas teatrais, atividades de relaxamento e interpretação que contribuíram positivamente em nossas apresentações.

7) Relação ensino-aprendizagem e métodos de ensino.

A relação aluno-professor/integrante-coordenador no Oré Anacã é fundamental para que o trabalho flua no grupo. Como a maioria dos integrantes não teve uma experiência anterior com dança popular, a primeira referência que os integrantes têm sobre essa área é através do coordenador Marcos Campos. É comum se espelhar na pessoa que está à frente de algo.

Alguns entrevistados comentaram que o método de ensino do coordenador é de fácil entendimento entre os integrantes, fazendo com que os integrantes se apropriem desse método em futuras atuações. Uma das entrevistadas relatou que sua identidade como professora foi criada dentro do grupo, através das experiências, principalmente da bolsa do programa PROEXT, quando dava aulas sobre dança popular e recebia críticas positivas sobre o seu trabalho. Outros entrevistados dizem que como o ambiente é leve e agradável, facilita a aprendizagem e o ensino. A relação entre os integrantes e o coordenador é bastante aberta, as dúvidas são sanadas, o coordenador e os integrantes participam juntos das criações e montagens coreográficas, da montagem e conserto dos figurinos, criando um ambiente de confiança e liberdade artística.

Uma das entrevistadas comentou que a experiência que teve em auxiliar uma integrante novata que tinha dificuldades de participar desse processo de ensino, buscando métodos

que facilitasse a aprendizagem e após um período de prática ver a evolução dessa integrante, foi incrível, pois ela se sentiu mais confiante para atuar outras vezes e com outros integrantes.

8) Ensinar verdadeiramente, com prazer e amor, acreditando no que ensina.

Uma das maiores contribuições do Oré Anacã, segundo os entrevistados, é ensinar verdadeiramente, com prazer e amor, envolvendo os alunos, acreditando em seus potenciais.

O professor Marcos Campos trabalha com a dança popular há muitos anos e, dentro de suas experiências com a cultura popular, participou de um grupo popular chamado Sarandeiros, em Minas Gerais. Quando o professor Marcos Campos decidiu criar o grupo em 2011, o seu objetivo era de formar integrantes em dança popular, buscando integrar teoria e prática para que eles se tornassem aptos para atuar futuramente com ela. Na sua atuação como professor, dentro e fora do grupo, é perceptível ver a sua paixão pela dança, pela pesquisa, pela criação, pelos figurinos e seu envolvimento é intenso em ensaios, apresentações e projetos. Ele consegue passar todo esse amor pelos integrantes, que se apropriam dessa certeza, trilhando seus caminhos como futuros professores, espelhando-se nas atitudes, na paixão e na veracidade com que o professor Marcos Campos ensina a dança e a cultura popular.

9) Aprimorar qualidades que já existiam nos integrantes.

Um integrante em especial (sujeito 10 – Igor Gonçalves) revelou em sua entrevista que o Oré Anacã despertou nele um desenvolvimento de qualidades que ele já possuía, mas que ele não sabia que poderia ir além do que ele já manifestava. Esse integrante ficou responsável principalmente com a parte artística do Oré Anacã, observando que suas qualidades ajudaram positivamente no grupo.

Isso é muito comum de acontecer no grupo. No grupo existem pessoas que cantam, que tocam algum instrumento, que são mais comunicativas, que sabem costurar, desenhar, pintar e todas ajudam ao grupo através de suas qualidades, tornando o grupo um ambiente bastante heterogêneo, fazendo com que os integrantes auxiliem uns aos outros.

10) Participação na bolsa do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS - a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena: vinculando ensino, pesquisa e extensão.

A bolsa do programa PROEXT: “ENTRE PENAS E CONTAS – a dança popular como meio de valorização das culturas afro e indígena” foi contemplada em 2013 e 2014. O programa deu a oportunidade para doze bolsistas trabalharem em quatro grandes processos. O primeiro consistiu em viagens de pesquisa feitas por duplas de bolsistas com o coordenador para pesquisar sobre danças populares. No segundo processo essas pesquisas foram transformadas em materiais didáticos em forma de apostilas e aulas para uma capacitação ofertada pelos bolsistas para professores da rede pública de ensino, agentes culturais e apreciadores da cultura popular como meio de inserir a dança popular nas escolas, centros comunitários, etc. O terceiro processo consistiu em ofertar oficinas sobre danças populares, criando coreografias com os alunos, em escolas públicas, em uma comunidade indígena e quilombola, na qual duplas de bolsistas também ficariam responsáveis. E o último processo foi a criação do espetáculo intitulado “Entre Penas e Contas” apresentado pelos integrantes do grupo, com as danças que foram trabalhadas ao longo desses três processos anteriores.

Ao ouvir os relatos dos entrevistados, observou-se que essa experiência foi de extrema importância, pois teria sido a primeira vez que eles tiveram contato com a pesquisa, com uma dança diretamente no seu lugar de origem, com as pessoas que vivem dentro da cultura popular, que buscam manter as tradições vivas. O contato direto com essa realidade, mudou a visão desses entrevistados, eles nunca haviam imaginado como é difícil conseguir recursos para criação de figurinos, para a compra de instrumentos musicais, para a participação em festivais. Fica clara a paixão que os mestres sentem pela dança, e quem conhece a vida destes mestres, tenta repassar com o mesmo fervor esse sentimento pela dança.

Ensinar sobre a dança popular para outras pessoas também foi um início para muitos. Alguns entrevistados comentaram que se sentiram apreensivos quando souberam que iriam trabalhar com professores formados, então, para trabalhar a forma de se comunicar e como passar o que seria ensinado, os bolsistas se reuniam para auxiliar uns

aos outros com as aulas. Apesar das dificuldades, a capacitação foi um sucesso. As aulas foram divididas em aulas teóricas e práticas, abordando duas danças em cada aula.

As oficinas ofertadas nas escolas também passaram por problemas, pois era muito difícil a aceitação das oficinas ou por falta de salas disponíveis, ou pela evasão dos alunos com poucos dias de aula. Os bolsistas conversavam com os alunos sobre as danças, contando a história por trás delas e tentavam criar as coreografias junto com os alunos. No final do processo, apenas algumas escolas continuaram tendo oficinas culminando em apresentações das coreografias que foram criadas pelos bolsistas, dançadas pelos alunos na própria escola.

Apesar de o último processo ser a criação do espetáculo, as coreografias estavam sendo trabalhadas desde o começo do ano no grupo, com ensaios voltados apenas para a criação coreográfica, com horas de ensaio para o ensino e aperfeiçoamento dessas coreografias até a apresentação do espetáculo no Festival de Cultura da UFC em 2013.

11) Participação na bolsa de cultura e arte: as atividades feitas no grupo.

As bolsas de cultura e arte são ofertadas pelo grupo para os integrantes desde sua criação em 2011. Em 2011 e 2012 foram ofertadas apenas três bolsas. Nos anos 2013 a 2015 foram ofertadas dez bolsas para o grupo. A bolsa de cultura e arte é uma bolsa que é oferecida para que o aluno, durante sua formação acadêmica, possa participar de um grupo artístico e tenha uma remuneração que o auxilie. A bolsa consiste em um conjunto de atividades que o bolsista deve fazer dentro do grupo. No Oré Anacã, ele precisa participar ativamente dos ensaios e das apresentações, auxiliar o coordenador com ensaios para integrantes novatos e em oficinas, confecção e reparação dos figurinos.

Para os entrevistados, essa bolsa contribuiu para pôr em prática o que se aprendeu no grupo durante os ensaios e apresentações. A demanda do grupo é muito grande dentre figurinos, ensaios e apresentações, e às vezes, alguns bolsistas precisam ficar responsáveis por certas decisões e situações, trabalhando autonomia, respeito, liderança, trabalho em equipe entre os integrantes, destreza e criatividade no auxílio da criação e montagem dos figurinos.

12) Participação da Bolsa de Iniciação Acadêmica (bolsa da PRAE – Pró-Reitoria de Assunto estudantis).

A bolsa de iniciação acadêmica foi vinculada ao grupo para que os integrantes que fossem contemplados com ela trabalhassem diretamente com a parte burocrática do grupo, como frequência dos integrantes, controle do pagamento da mensalidade, auxílio com alguma documentação, organização de dados pessoais dos integrantes.

Essa bolsa existe no grupo desde 2012 e contribuiu muito para que os bolsistas estivessem aptos a resolver problemas burocráticos, ensinando como fazer documentos, planilhas e como gerenciar o dinheiro da mensalidade para a construção dos figurinos.

4. CONCLUSÃO: mapeando os narrativas plurais e percursos singulares

Os três pilares do ensino superior precisam ser vivenciados pelos alunos durante a sua formação acadêmica. O ensino lida diretamente com a relação aluno-professor, na sala de aula. A pesquisa traz contribuições para a sociedade e para o próprio ensino, buscando informações que contribuam para a evolução das práticas do ser humano e das suas relações. E a extensão traz esse vínculo entre o ensino, a pesquisa e a sociedade, buscando aplicar na prática o que se aprende dentro da sala de aula, servindo a comunidade.

No início do meu percurso na Educação Física, eu encontrei o grupo Oré Anacã. Ao longo da minha caminhada no grupo e, atualmente, no final do meu caminho na formação acadêmica em Educação Física, refleti que o grupo foi de extrema importância em muitos momentos em que tive dúvidas, em que precisei buscar um ambiente que me confortasse, onde eu pudesse me expressar livremente, sem pré-julgamentos. Ao concluir este trabalho, também visualizei a extrema importância que o grupo terá na minha atuação profissional através das vivências com a cultura popular, dos novos conceitos aprendidos, da relação com os integrantes e entender o processo de aprendizado de cada um, as singularidades de cada pessoa e a paixão em ensinar, buscando englobar todas as competências para ser um bom profissional.

Porém, apenas saber como eu me sentia não foi bastante. Para mim, tornou-se um questionamento pertinente buscar em outros integrantes e ex-integrantes quais contribuições eles adquiriram durante seus percursos no grupo. O resultado foi um conjunto de contribuições que farão parte, não apenas na atuação de profissionais de Educação física, mas da vida dessas pessoas, da mesma maneira que aconteceu comigo.

Por intermédio do grupo Oré Anacã, os entrevistados relataram a segurança que teriam em trabalhar com dança, pelo o que foi aprendido no grupo. Foram criados fortes vínculos de amizades, nos quais os integrantes cuidam um do outro, auxiliam, entendem as singularidades de cada um e o processo de aprendizagem, considerando o grupo como uma família. Com as bolsas ofertadas dentro do grupo, alguns entrevistados

puderam aprender a trabalhar com documentações, com uma área mais burocrática como também aprender a trabalhar com o ensino, ofertando oficinas e capacitações sobre dança popular, com a pesquisa, identificando a essência das danças populares em seus lugares de origem e na própria extensão, com a criação de coreografias e figurinos. O professor Marcos Campos envolveu todos no grupo com sua paixão pela dança popular, fazendo com que os integrantes busquem ensinar para outras pessoas aquilo que eles amam e verdadeiramente acreditam. Dentro do grupo também foi possível vincular as qualidades de cada integrante como o canto, o teatro, o desenho, a costura, tornando um grupo bastante heterogêneo e rico em experiências trocadas pelos integrantes. A relação ensino-aprendizagem é muito forte no grupo em que o professor Marcos Campos cria um ambiente agradável e busca levar para o grupo métodos de ensino que facilitem a compreensão. Alguns relataram que amaram tanto conhecer e fazer parte da dança popular, que sentiram a necessidade de aprender mais sobre dança através de outras perspectivas inseridas em diversas atividades. Alguns dos integrantes realmente criaram autonomia, confiança e segurança na hora de apresentar, de conversar, de ensinar, porque o grupo lhes dava liberdade suficiente para intervir, perguntar, conhecer e investigar sobre a cultura popular.

Nossa contribuição culmina ainda na produção de um documentário em vídeo produzido a partir dos discursos singulares dos entrevistados para esta pesquisa. Este vídeo documentário será publicado no Conecte e Crie (www.conecteecrie.ufc.br) disseminando as narrativas plurais sobre a relevância do Oré Anacã na formação de professores de Educação Física do IEFES/UFC.

O presente estudo reforça a necessidade de se vivenciar práticas dentro dos projetos de extensão. A universidade, nem sempre, equipara o graduando com todas as atividades necessárias dentro do ensino. O período da formação superior é o momento de experimentar, vivenciar, de buscar a certeza de qual caminho irá seguir como profissional.

5. REFERÊNCIAS

ABU – EL - HAJ, Mônica Farias; LETINHO, Meirecele Calíope; CARDOSO, Nilson de Souza. **O ensino com pesquisa: contextualização e reflexões metodológicas**. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Diálogos sobre a formação de professores: olhares plurais**. Teresina: EDUFPI, 2012.

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **A Extensão Universitária: uma terceira função**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1992.

ARAÚJO, Ariana Maria Leite. **O diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial**. Revista IGT na Rede, v.7, n. 13, p. 315-323. 2010. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526 Acesso em 14/06/2015.

BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **História de vida: trajetória de uma professora de educação física**. Motriz, v. 3, n. 2, dezembro. São Paulo. 1997.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida e professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa, v.28, n.1, p.11-30, janeiro/junho. São Paulo. 2002.

FAGUNDES, José. **Universidade e compromisso social: extensão, limites e perspectivas**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1985.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método auto-biográfico**. Sociologia – problemas e práticas, n. 9, p. 171-177. 1991. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/31/342.pdf> Acesso em: 14/06/2015.

GALDI, Enori Helena Gemente et al. **Aprender a nadar com a extensão universitária**. IPES Editorial, São Paulo, 2004.

HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. **A universidade sob a ótica da extensão universitária: análise da função extensão universitária no pensamento do professor universitário de Educação Física.** Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

NOSAKI, Joice Mayumi. **Os significados e as implicações da extensão universitária na formação inicial e na atuação profissional em educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2012.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e profissão docente.** Dom Quixote, p. 13-33. Lisboa. 1992. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf Acesso em: 20/11/2014.

PEREIRA-PAIVA, Vanilda. **Extensión universitaria en Brasil.** Nueva Sociedad, n. 7, p.3-18, julio/agosto. 1973.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial.** Educação e Pesquisa, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. São Paulo. 2006.

SADALA, M. L. A. **A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, Bauru, 2004.

SILVA, Maria das Graças Martins; SPELLER, Paulo. **Extensão Universitária: qual o seu lugar no contexto da universidade?** Revista de Educação Pública – Políticas públicas e educação, v. 08, n. 13, p. 229-249, janeiro/junho. Mato Grosso. 1999.

Disponível em: http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/ext_univers.html Acesso em 20/11/2014.

ZILLES, Urbano. **Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl**. Revista da Abordagem Gestáltica, XIII(2), p. 216-221, julho/dezembro. Goiânia. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf> Acesso em 14/06/2015.

SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. **A Fenomenologia como fundamentação para o movimento humano**. Revista Movimento, v. 15, n. 2, p. 187-210, abril/junho, Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1153/115315433011.pdf> Acesso em 14/06/2015.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação**. São Paulo: Centauro Editora, 2d. 2006. 112 p.

6. ANEXOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nome:
RG:
Telefone:

As informações aqui contidas neste termo foram elaboradas pela aluna Patricia Andrade Luis (graduanda em Educação Física pelo IEFES/UFC) e pela Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg (orientadora), e objetivam firmar um acordo por escrito, mediante o qual entrevistado (a) autoriza realização de um documentário, bem como a utilização para fins acadêmicos da sua identificação e das informações sobre as perguntas realizadas acerca do grupo de dança Oré Anacã com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos adotados, com a capacidade de livre-arbítrio e sem qualquer coação. Este termo é elaborado em duas vias (uma para o entrevistado e outra para ser arquivada pelo pesquisador responsável).

1. Título do projeto: Contribuições do projeto de extensão Oré Anacã na formação de profissionais de educação física: narrativas plurais e percursos singulares.
2. Objetivo: desvelar o fenômeno das contribuições em integrantes e ex-integrantes do grupo Oré Anacã na formação profissional de estudantes e formados do curso de Educação Física.
3. Justificativa: ressalta-se a importância de uma análise fenomenológica sobre a relação integrantes e ex-integrantes do grupo Oré Anacã que são estudantes e formados em Educação Física
4. Informações sobre a garantia de esclarecimentos antes e durante a pesquisa, a respeito da metodologia: os integrantes e ex-integrantes do grupo têm a garantia de que receberão respostas a qualquer pergunta acerca dos procedimentos e de outros assuntos relacionados com a pesquisa. Também o pesquisador assume o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante o estudo.
5. Retirada do consentimento: aos entrevistados é garantida a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de contribuir com o estudo.
6. Indicação das formas de indenização: não estão previstas formas de indenização, pois julgamos que não existe risco ou ônus algum para os entrevistados e ao grupo de dança Oré Anacã.

Tendo obtido com clareza e assimilado todas as informações acima citadas:

Eu _____
_____RG_____, estou de acordo com a realização desta pesquisa e, dessa forma, autorizo a execução do trabalho proposto, bem como a utilização das informações observadas, para fins acadêmicos, como proposto pela Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg e pela aluna Patricia Andrade Luis.

Fortaleza, ____de _____ de 2015.

Em caso de dúvida, recusa ou reclamação, recorrer a:

Patricia Andrade Luis patriciaandradeluis@gmail.com

Tatiana Passos Zylberberg tatianapassoszylberberg@gmail.com